O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 21 DE AGOSTO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N° 1:374

Sempre o bandido!

Entro historia dentro, olho historia alem, e é sempre o bandido quem eu vejo triumphar. O dobre de finados continua, povoando-me a alma de tristezas, a ouvir-se, em grandes badaladas. Cheio de dor, com uma nuvem negra sobre o coração, tapo os ouvidos para não ouvir, fecho os olhos para não ver. Ouço sempre. E' uma *scie!* Vejo sempre. E' um espectro!

O som terrivel, mas heroico, mettendo medo, mas levantando as almas, da trombeta castelhana, perdeu-se no espaço. Extinguiu-se! O espectaculo grandioso da batalha d'Aljubarrota, apagou-se. E é sempre um cavalleiro, de nobre figura, traduzindo no rosto e no gesto o desprezo e a indignação que lhe vae n'alma, e depois de descarregar mil vezes o seu montante com a coragem de Achilles e a força de Hercules, e depois de ter ceifado a vida a centos de bandidos, de ter feito em volta de si montes de cadaveres, a cahir, gritando: *Fartar, fartar, villanagem!*

E' a mesma infamia, sempre. E' Affonso d'Albuquerque, odiado, perseguido pela inveja dos insignificantes e dos maus, incomprehendido, a morrer de dor, de desalento, murmurando: *De mal com os homens por causa do rei e de mal com o rei por causa dos homens.* E a morrer com elle o grande imperio da India!

E' o enorme leilão de consciencias, que se estende por todo o territorio nacional, depois do formidavel desastre d'Alcacer Kibir. Então, como agora! Morre um rei em Alcacer Kibir, morre outro rei no Terreiro do Paço, de temperamentos diversos, mas ambos bem intencionados e valentes. E sobre os seus cadaveres cahem nuvens de corvos! Do campo banhado pelo seu sangue não resurgem energias que nos salvem, almas nobres que os vinguem. Surgem corvos, a devorar-nos! Foi o signal d'alarme dado ás hyenas, aos milhafres, aos bandidos. Das cidades, das villas, das aldeias, das coitadas, das florestas, das mattas, dos campos, dos ares, não surgem senão bandidos, feras, aves de rapina. E' um diabolico festim. E uma feira!

Em nome da patria, em nome da idéa, tudo se vende! Porque os miseraveis ainda invocam a patria, ainda invocam a idéa, para cohonestarem a rapina, o saque, a venda abjecta, a orgia porca, a bacchanal infame. Dão-se as mãos, na torpeza, desde o guerreiro até ao assassino, desde o homem de sala até ao rufio de melenas e calças á bocca de sino. João de Mascarenhas e Margarido são collegas n'esse tremedal horrivel.

Só se ouve o ranger dos dentes, devorando, ou o latir dos esfaimados.

A's vezes, ha lucta, e lucta feroz, mas só por causa da ração a dividir. Nunca para salvar a presa desgraçada.

Sempre o mesmo espectaculo, sempre! por mais que se rebusque, por mais que se contemple.

Na Restauração surge um homem, o conde de Castello Melhor, um reformador, um salvador, um estadista. Debalde! Sobre elle cahe a inveja, a imbecilidade, o despeito, todos os sentimentos ruins, villãos, da matilha feroz, *que quer comer.*

A dois reinados dissolutos succede um reinado onde um homem de genio, o marquez de Pombal, procura galvanisar um povo abatido. Debalde! A'parte uma *élite*, uma pequena *élite* intellectual, uma pequena *élite* moral, ninguem o comprehende. Vive esse homem do apoio que lhe dá um outro homem. Simplesmente! Morto o rei, morto o ministro, e morta a obra do ministro.

Junot invade Portugal e ninguem lhe resiste. Resistir-lhe... Acclamam-no! Entoam-lhe homilias! Rastejam, ventre em terra, a lamber-lhe as solas dos sapatos!

Vem a resistencia? Vem, quando vem o inglez. O exercito portuguez faz-se um bom exercito? Faz, sob o chicote de Beresford. O terrivel chicote de Beresford! O terrivel chicote do inglez!

O inglez, quando se zanga, diz que foi elle que nos deu a liberdade e que foi elle que nos manteve a independencia. Tem razão o inglez! O orgulho pelintra dos descendentes de João de Mascarenhas e Pedro d'Alcaçova revolta-se contra o inglez. Mas tem razão o inglez! Por baixo do habito guerreiro de João de Mascarenhas esteve sempre a carcassa do rufião do Margarido.

Fartar, villanagem! Por melhores habitos e melhores apparencias da canalha, ou a canalha se chame João de Mascarenhas, ou se chame Affonso Costa, Alpoim, Navarro, Marianno, Ribas d'Avellar, Derouet, Carlos Trilho ou Margarido, a canalha só tem um fito: *gosar, comer.* Deixem-n'a... vomitar postas de pescada, ostentar livremente uma vaidade estupenda, e gosar, e comer, e teem a canalha satisfeita. Mas castiguem-lhe a vaidade e levantem-lhe a mangedoira, que teem uma matilha feroz a ladrar e a arremetter. Ou seja Mascarenhas ou seja Fagundes. Pobre ou rico. Nobre ou plebeu. E' tudo. A'parte um numero restricto de almas nobres, que nascem aqui como nos pantanos nascem lyrios.

Não é a voz de Phebus Moniz, que querem ouvir. E' a bolsa de Christovão de Moura, que todos elles querem ver!

Quem os conheceu, quem os definiu, quem os marcou eternamente, a fogo, na historia, foi o nobre conde d'Avranches, grande homem de bem, lucida intelligencia e valoroso cavalleiro.

D. Miguel teve ao seu lado homens dignos. Foram esses que triumpharam? Foram os conselhos e opiniões d'esses que vingaram? Não. Triumphou a escoria, a escumalha, a canalha, como sempre.

Triumphou Mousinho da Silveira, no constitucionalismo? Pobre Mousinho! Andou á procura d'um canto, para morrer. Para ser sepultado tão fundo e tão longe, n'um sitio tão solitario, tão ermo, que nem depois de morto lhe chegasse o halito da serpente, que elle, ingenuamente, suppondo que era um povo, andou a acalentar no seio.

Triumphou Passos Manuel? Pobre Passos Manuel, que no fim da vida chorava o seu erro da *monarchia democratica,* as suas illusões perdidas, reclamando que o deixassem afogar as suas saudades e a sua melancholia no quieto remanso da familia.

Quem triumphou foi Rodrigo, o cynico. Quem triumphou foi Rodrigo, o que chamava *amigo* ao João Brandão e o proclamava *benemerito* e *homem de bem*, dando-lhe honras de capitolio, em decreto assignado pela rainha.

Quem triumphou foi o *bandido!*

Sempre o *bandido,* desde o que assassinou o infante D. Pedro, duque de Coimbra, em Alfarrobeira, até ao que assassinou, no Terreiro do Paço, D. Carlos e seu filho.

Emquanto D. Carlos só teve vida de vinho, d'orgias, de mulheres, emquanto metteu as mãos nos cofres publicos, foi um *grande rei* e toda a gente o aconselhou a ser *maior ainda.* Alpoim, Borracho, todos os *puritanos actuaes,* todas as pilastras presentes da liberdade e da virtude, acclamaram o *rei forte* e disseram que *só o rei tinha força* n'este paiz, devendo usar d'ella para *correr a chicote* os inimigos da patria e do throno.

Quando foi D. Carlos um *malandro,* como lhe chamavam, em plena rua, os marechaes das quadrilhas? Quando foi elle *Leandro,* como escreviam os immundos gazeteiros, que *energicamente* reclamam agora, do filho, a amnistia? Quando foi elle o *rei dos adeantamentos?* Exactamente quando quiz *pôr cobro aos adeantamentos.* Exactamente quando procurou *emendar-se dos seus vicios.*

O rei não era malandro *por se adeantar.* Mas por não querer *continuar a adeantar-se,* signal certo de que não deixaria mais *adeantar-se os outros.*

Quem lhe chamava *malandro?* Quem lhe chamava *Leandro?* Quem o dizia *despota, ladrão e pulha?* O Affonso Costa, o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Ribas d'Avellar, o Henrique Cardoso, o Alpoim, o Centeno, o João Arroyo, o visconde da Ribeira Brava, o Zé Gatuno e o Margarido. A virtude! Era essa a virtude! A virtude que triumphou! A virtude que triumpha!

Ah, eu conheço-os! São os que me chamam ladrão, a mim, que nunca puz as mãos nem nos cofres particulares, nem nos cofres publicos! Que nunca tive commissões, nem conezias! E que trabalhei como um moiro, emquanto empregado publico, acabando por atirar com o emprego ás ortigas!

Eu podia ser conselheiro como o *Mello* e *Coisas*, passando de republicano a regenerador, de regenerador a franquista, e voltando a regenerador depois de ser franquista. Mamando empregos, honras, glorias, conezias! Que continuaria a mamar, tornando-me, de novo, republicano, quando viesse a republica!

Eu podia ser *grande parlamentar* como o Affonso Costa, ou ministro como o Zé Gatuno.

Não quiz? Sou ladrão! Os honrados e benemeritos... são elles!

Eu conheço-os! São os que affirmam, os que juram, que me encontram a *cahir de bebedo.* A mim, que não bebo vinho! Que *nunca* bebo vinho! Nem bebidas alcoolicas de qualidade alguma!

Eu conheço-os. São tal e qual como a minha creada, que me apregoa as minhas virtudes emquanto me rouba nas compras impunemente, mas para quem eu passo a ser *tudo quanto ha de peor* desde que, sciente do roubo, a ponho no meio da rua.

Para o Zé d'Alpoim, o prégador do bacalhau, a resurreição do popular José Augusto, o compadre-mór do reino, não ha malandro que não seja virtuoso, nem imbecil que não seja talentoso, desde que lhe faça... *o seu jogo.* Como não ha homem que não seja tratante, *subalterno, canastrão,* ou reaccionario pelo menos, desde que appareça a contraria-lo ou combate-lo.

Chama-lh'o, antes que t'o chamem, foi sempre systema de prostitutas. *Agarra que é ladrão,* foi sempre, correndo pelas ruas, *truc* de ladrão.

Mas não cessará de triumphar n'esta terra o bandido? Mas ha de ficar sempre impune o bandido?

Por mim, não fica. Por mim, acaba o seu triumpho. Embora eu morra!

Morra Martha, morra farta. Morra Samsão, mas morram todos quantos estão.

Por mim, não!

Ou se salve, ou não se salve o paiz, ou seja possivel, ou não seja, reformar o caracter da raça portugueza, o dever é resistir. Acuar, deante dos bandidos, é a maior de todas as ignominias.

O dever é combater. E não só pela penna. Pela penna, pela palavra e a tiro.

A ninguem é dado prever o futuro. Ninguem tem o poder das prophecias. Os antecedentes nem sempre dão a certeza dos consequentes. Pode ser que o mal do paiz não tenha cura. Mas pode ser que o tenha. Pode ser que seja completo o triumpho do bandido. Mas pode ser que uma onda repentina de reacção o aniquile. Mas ainda que houvesse a certeza — que não ha — do paiz estar perdido, o brio pessoal, a honra collectiva, e até um legitimo desejo de desforço e de vingança, mandava que se empunhasse uma arma para cahir como D. Alvaro Vaz d'Almada no combate de Albufeira, ou para salvar o nome de uma raça, como Eurico na batalha do Chryssus.

Veem ahi as eleições. Luctemos. Empreguemos todos os esforços, todos! para derribar na urna os peores quadrilheiros da politica. Mas se a corrupção e a violencia nos vencerem, só ha um recurso: esperar o momento opportuno de dar batalha, nas ruas, aos bandidos.

Concentremo-nos, conspiremos, preparemos o nosso plano de batalha e... ao encontro d'elles, na hora decisiva.

Ao encontro d'elles!

Com infinito prazer trocaremos esta penna por uma espingarda.

Não é fanfarronada. Se for preciso, ou quando for preciso, ve-lo-hemos.

Peores que os da Serra Morena!

O *Seculo* publica, em primeira pagina, o retrato do famoso visconde da Ribeira Brava, o primeiro deputado eleito da nova camara — que bello annuncio! — e diz:

E' o sr. visconde da Ribeira Brava o primeiro candidato a deputado que as urnas proclamaram. Apezar de proposto por Cabo Verde, tomou a dianteira aos seus collegas da Europa.

O sr. visconde foi já deputado em varias legislaturas e é um dos mais valorosos companheiros de lucta do sr. José d'Alpoim.

Na questão dos tabacos, no tempo da dictadura, em varios movimentos politicos contra audaciosos abusos do poder, o novo eleito tomou um logar saliente no mais accesso da lucta, ao lado dos que propugnavam pela moralidade, pela justiça e pela liberdade.

Que salteadores! O visconde da Ribeira Brava a defender a *liberdade,* a *moralidade* e a *justiça!*

E consente esta troça, — pois já não é senão uma troça, mas uma troça insolentissima, — esta grande récua de pulhas que se diz... o paiz!

O paiz! E é isto... um paiz!

Desmentem-se, os patifes!

A proposito do sr. Luiz de Magalhães, diz o orgão da prostituição republicana em Portugal:

Este filho de José Estevão é a prova viva de que não ha hereditariedade intellectual.

Pobre Sebastião! Pobre Affonsito! Deixaram de ser genios, coitaditos! Que ephemero reinado, coitaditos!

E agora? Emquanto herdavam o genio do *grande parlamentar*, como o canudo da prostituição affirmava, vá que não vá. Mas então agora? Ficam só reduzidos á *hereditariedade moral*, que essa não a nega o *Cornetim do Margarido?*

Só reduzidos á hereditariedade moral, isto é, ladrões?

Coitaditos!

A que descemos!

Entre as muitas arbitrariedades e violencias, que o governo vem commettendo na montagem da machina eleitoral, fazem os jornaes sobresahir as que dizem respeito ao districto da Guarda.

E' natural. E bastaria esse districto da Guarda, só elle, para definir a politica do governo.

Os leitores lembram-se, perfeitamente, de uma figura asquerosa que aqui pozemos, ha poucos dias, ainda, em relevo. Aquelle garoto, abjecto, immundo, ainda mais abjecto que o Marinha de Campos e ainda mais immundo que o Margarido, que nos dirigiu uma carta em nome d'um padre, na qual se definiu a si proprio, dizendo-se **um malandrão que andava pela Guarda a armar em moralão, quando a sua vida era cheia de podres.** Pois esse lacrau repugnante é um dos mais *dignos* representantes do governo na cidade da Guarda!

Não ha palavras com que, apropriadamente, classificar esse pulha. No diccionario portuguez, nem no diccionario de lingua nenhuma. Porque é tão baixo aquillo, tão reles, tão immundo, que passou as metas do superlativo da infamia e da porcaria. Não se inventaram palavras para aquellas monstruosidades, por isso mesmo que, não obstante toda a vileza humana, ainda são rarissimas.

Trata-se do Julio Ribeiro, da osga hedionda que lançou á margem, *depois de as roubar,* e essa ainda *é a mais nobre das suas infamias,* a propria mãe e as proprias irmãs, para que a miseria das desgraçadas não affrontasse *a sua fidalguia.*

Nenhum homem infame, mas conservando ao menos o *aprumo da infamia,* apertaria a mão áquelle biltre. Aquelle biltre não é um homem. Não é mesmo um gaiato. Não attinge, sequer, as honras de canalha.

Não se pode, justamente, comparar com a osga, com o lacrau, com a centopeia, com bicho nenhum, porque bicho nenhum, por mais repugnante e nojento, chega a exprimir a idéa da repugnancia e do nojo que aquelle monte de podridão humana inspira a quem o conhece.

Pois esse monstro sem nome, fiscal do sello, é um dos dignos representantes do governo na cidade da Guarda!

Outro é o não menos famigerado Alberto Silva, governador civil substituto no mesmo districto. Entre as varias proezas d'este héroe, que referimos aqui, avulta aquella da corrida das desgraçadas, na praça dos toiros, sendo elle administrador do concelho!

Attrahidas á traição, obrigadas a despir-se, espicaçadas com bandarilhas, sujeitas a mil torturas, as desgraçadas ajoelhavam e pediam de mãos erguidas, sem serem ouvidas, sem os miseraveis se commoverem, que pozessem termo ao seu martyrio! E o algoz, seguido por meia duzia de biltres, era um bacharel em direito, aliás com uma tradição e chronica vergonhosa em Coimbra, e administrador do concelho... por sua magestade fidelissima!

Administrador do concelho!

O terceiro é o celebre Motta Veiga, de quem não podemos agora precisar as façanhas, por não termos á mão elementos para isso, mas cuja chronica foi exposta e commentada por Marianno de Carvalho e outros jornalistas progressistas e republicanos ha vinte annos para traz. Quem folhear a collecção do *Diario Popular,* da *Folha do Povo* e do *Seculo,* ha de encontrar elementos preciosos para a biographia d'esse cidadão emerito.

Digam-nos: o que ha a esperar d'estes *cavalheiros,* n'uma epocha d'estas, nas circumstancias que atravessamos, á frente da politica d'um districto?

O que ha a esperar d'elles? Se elles são capazes de matar o pae e prostituir a propria mãe, como não hão de ser capazes de transferir empregados, de roubar urnas, d'escamotear listas e cadernos de recenseamento, de mandar fuzilar os eleitores, ou esfaquear, ao voltar d'uma esquina, os adversarios politicos?

Tudo quanto se disser d'aquella gente, é crivel! Tudo!

Tudo fica abaixo da ruindade dos seus figados, dos seus instinctos perversos, do seu cynismo, da sua desvergonha absoluta. Tudo!

E metade, pelo menos, das auctoridades regeneradoras, por esse paiz além, são assim. E os influentes politicos da raça approximada de Julio Ribeiro, — approximada, tanto não, porque tanto é impossivel — abundam.

Deus os fez, Deus os juntou. O que é pena é que regeneradores, dissidentes e republicanos, não se fundam n'um unico partido. Porque elles, benza-os Deus, parecem *gemeos.* Comprehendem-se e entendem-se ás mil maravilhas. São rebentos da mesma arvore, fructos da mesma mãe.

Eu tenho visto montar muita machina eleitoral. Muita. Mas nunca vi montar nenhuma com a falta d'escrupulo que se ostenta agora ahi.

Sobretudo, é espantoso o cynismo da ligação entre republicanos e governo. As informações que os jornaes trazem a publico sobre a nomeação de republicanos para logares de confiança são *rigorosamente verdadeiras.* Não ha n'essas informações *exaggero nenhum.*

As *Novidades* quizeram, ha dias, justificar esses *accordos* com o que succedeu em Lisboa em 1890. Ora não ha approximação possivel. Em 1890 era quem escreve estas linhas figura dominante no partido republicano e sabe muito bem como as coisas se passaram. Não ha approximação possivel! Por todos os motivos. Primeiro, porque o partido republicano era ainda, n'esse momento, um *partido d'evolução,* sem constituir perigo nenhum para a monarchia. Foi exactamente em seguida ás eleições que o partido republicano, *por iniciativa de quem escreve estas linhas,* entrou no caminho revolucionario. Fomos nós que, infelizmente, lançámos as bases *d'esse edificio.* O que havia até ahi, era uma coisa insignificantissima e de *puro romantismo.*

Segundo, porque, dado mesmo que o partido republicano fosse já um *partido revolucionario,* na rigorosa expressão do termo, *que não era,* não se havia ainda affirmado *praticamente.* A revolução de janeiro veio em 1891, e só em 1908, *se as «Novidades» estão lembradas,* foi assassinado o rei.

Terceiro, porque quem propunha o accordo, quem estava n'uma posição manifestamente subalterna, era o partido republicano. *Agora succede o contrario, precisamente.*

Quarto, *quarto na ordem numerica mas primeiro na importancia,* porque o partido progressista *estava na opposição.* Uma alliança, accordo ou como lhe queiram chamar, entre um partido revolucionario, *que agora mesmo apregôa* **que estas eleições serão as ultimas da monarchia,** um *partido revolucionario que fez o 31 de janeiro, que quiz fazer o 28 de fevereiro,* **que matou o rei e o principe real,** um accordo entre esse partido e o governo, e sendo tal partido, *que exige nomeações d'empregados seus, amnistias, castigo dos mais leaes funccionarios da monarchia, quem tem, no accordo ou alliança,* **a parte do leão,** *nunca, entre nós, se tinha visto.* E isso é o sufficiente para mostrar... *a bandalheira, a grande bandalheira de tudo isto.*

Nem tem pudor o rei, nem a rainha, que inspira superiormente a governança, nem o presidente do conselho, nem essa ignobil coisa que se chama partido republicano portuguez.

Uma vergonha.

Até o papa elle intrujou!

Alpoim gaba-se muito de Leão XIII lhe ter concedido a grã cruz de Pio IX.

Até o papa, que é infallivel, elle intrujou! E que papa! Leão XIII, que era fino!

Nasceu com a barba feita, o maroto! Os padres e os comicos precisam de a cortar. Mas elle nasceu com ella feita, o maroto!

Diz-se que certo bispo portuguez assombrou Leão XIII, derramando, pelas galerias e aposentos papaes do Vaticano, lagrimas *sinceras* de commoção e arrependimento. Ao ver agora da Eternidade este antigo sachristão da Nunciatura, este obediente filho da Egreja, tão obediente e tão contrito que até perdão, por se ter batido em duello, e dispensa de magro, implorava de Sua Santidade, Leão XIII, attonito, ha de dizer:

Apre, que estes melros portuguezes é que eu não conhecia!

E' hoje que se publica o 4.º numero do nosso «Supplemento», distribuido gratuitamente aos assignantes do «Povo de Aveiro».

Eleições

As eleições do proximo domingo representam para o paiz um facto *muito grave*. E perante essa gravidade, essa enorme gravidade, é-nos indispensavel, a nós e a quantos prezam os interesses e a honra do paiz, a par d'uma grande firmeza, a mais absoluta serenidade.

Ha muito tempo que não havia eleições. Os deputados eram escolhidos por accordo entre as quadrilhas partidarias. Bem ou mal, é agora a primeira vez que a urna, depois d'um longo silencio, vae falar. Mas sobre quê? Qual é a questão grave que a faz, emfim, falar, e sobre a qual se vae pronunciar?

Para esse facto *importantissimo* chamamos a attenção da gente séria.

E' sobre a questão clerical que a urna se vae pronunciar? Como, se não ha n'este paiz, estamos cançados de o dizer, questão clerical?

Não ha questão clerical, digamo-lo bem alto, que esta é a verdade. Não deixemos que o sophisma ou a especulação abafem, ou, sequer, empannem a verdade.

No tempo de D. Carlos não houve — são os republicanos e os *radicaes monarchicos* os primeiros a confessa-lo — predominio clerical. Então quando? Depois da morte de D. Carlos?

Os manejos da canalha teem sido de molde a fazer crer que no tempo de D. Manuel é José Luciano quem tem dirigido o governo do Estado. Ora José Luciano o que mais fez, se o fez, foi contrabalançar a terrivel influencia da canalha.

De facto, como evitou José Luciano que o Makavenko fosse escravo da canalha? José Luciano poderá ter evitado que o Makavenko fizesse a proclamação da republica, descarada. Isso talvez. Mas o que não evitou foi que elle se tornasse um comparsa, um simples comparsa, no scenario da politica dissidente e da politica *democratica*.

Makavenko foi, acima de tudo, makavenko. Makavenko antes de mais nada. Isto é, mantendo religiosamente o culto da patuscada. Era o seu culto! E como fervoroso discipulo d'esse culto, só tinha um santo, o Grandella, o maior berzundeleiro e pagodeiro de Portugal e dos Algarves.

Pretender que o clericalismo dominasse no reinado do Grandella, é audacia!

Depois, o que se seguiu? Ministerios mixtos, compostos de elementos regeneradores e progressistas, tremendo, baqueando e cahindo á mais pequena arruaça, de que tinham privilegio exclusivo os republicanos e os *monarchicos democratas*.

José Luciano procurou deter a onda? Evitar a debandada? Talvez. E isso bastou — resistir — para que os *libaraes* lhe creassem odio encarniçado. Mas o que José Luciano nunca conseguiu foi um simulacro de séria resistencia. Sequer um simulacro! Nem do ministerio composto exclusivamente dos seus partidarios. D'aquelle ministerio famoso que começando por ajoelhar, *espontaneamente*, sem que o solicitasse o proprio interessado, aos pés do celebre Borracho, acabou por fugir da camara, aterrado.

O reinado de D. Manuel tem sido dominado, inteiramente dominado, pela colligação de dissidentes e republicanos. Nenhum governo tem ousado affrontalos. Todos teem cahido, e miseravelmente, deante das suas coleras.

Esta é a verdade!

Houve um pequeno incidente, o do bispo de Beja, *que foi logo vingado*. Quem tinha razão, no fundo, era o bispo de Beja. Fosse quem fosse o bispo de Beja, não seria capaz de representar, em caso algum, a pulhice, o relaxamento, o abandono, a anarchia, que no bispado de Beja representava o predominio dos Anças. Nunca nos quizemos metter n'essa questão, porque somos pouco affecto a questões clericaes. Mas a verdade é que o dominio dos Anças era o dominio da immoralidade, do relaxamento e da desordem, e que o bispo, fosse quem fosse, tinha todo o direito a restabelecer a ordem na sua diocese.

Se o bispo é o responsavel pela educação dos alumnos do seminario, só creaturas que lhe mereçam confiança podem ser, logicamente, professores do seminario. E se os seus processos, no fim, não foram dos mais respeitadores dos altos poderes civis do Estado, a culpa foi do governo, que não tomou a tempo as medidas que o mal reclamava. Pois toda a gente, segundo a theoria republicana, tem o direito de se revoltar, e só os bispos não teem o misero desafogo de *respingar*?

O bispo tinha razão. Mas que a não tivesse! Era um pobre incidente, que só por especulação politica poderia merecer o titulo pomposo de *questão clerical*. E d'esse mesmo, republicanos e dissidentes se vingaram. Logo procuraram vingança, e tiraram-n'a. O ministerio rolava por terra, pouco depois, deante de uma nova ameaça.

Republicanos e dissidentes juraram vingar-se do processo do regicidio e das associações secretas, e vingaram-se. Ruidosamente se vingaram, obrigando o rei a despedir indecorosamente um ministerio. E não offerece duvidas que são elles quem manda, discricionariamente, no governo actual.

Então, quem domina n'esta terra?

Desde a morte de D. Carlos que o dilemma é este: ou os ministerios obedecem humildemente a republicanos e dissidentes, ou vão abaixo. Quem manda n'esta terra? Onde está aqui a questão clerical?

E' preciso pôr termo definitivo a essa especulação. A essa torpissima especulação.

A urna não vae falar sobre uma questão clerical, nem sobre uma questão economica, nem sobre uma questão legislativa, nem sobre uma questão de monarchia conservadora ou de monarchia democratica. Nem sobre uma questão de regimen republicano ou de regimen monarchico, A urna vae falar, e é esse o facto gravissimo, sobre uma questão **de ordem ou desordem.**

E' claro que em Portugal ninguem quer a reacção. Os que combatem a torpissima especulação republico-dissidente, são homens do seu tempo para vêrem nitidamente que já se não governam povos pelos processos do absolutismo ou da edade média. Teem bastante intelligencia para perceberem que a vida moderna está de tal fórma *internacionalisada*, que, ou um povo acompanha os progressos sociaes e politicos dos outros povos, ou morre.

Mas a base de todo o progresso e de toda a democracia é o trabalho e a ordem. E a base de toda a nossa politica tem sido a ladroeira e a desordem.

Não ha democracia sem instrucção e sem educação. Só quando comprehendida, a democracia póde ser amada. E não ha progresso sem ordem e sem trabalho.

Eis o facto capital do proximo domingo. Eis a grande questão a resolver. E' sobre esse enorme problema que a urna vae falar.

Um caso gravissimo, para o qual chamamos a attenção de todos os patriotas.

Pessoalmente, não temos a menor sympathia por nacionalistas, progressistas ou franquistas, nem a menor antipathia pelos regeneradores. Não conhecemos, não privamos com ninguem dos dois campos para, pessoalmente, amar ou odiar.

Collectivamente, reconhecemos que tantas responsabilidades teem os regeneradores como os progressistas no mau governo do Estado. Mas as circumstancias, o acaso, ou um melhor estudo dos homens e dos factos puzeram os progressistas, n'este instante, do lado da ordem. E um erro politico ou um mau sestro, os regeneradores do lado da desordem.

Não se trata, pois, para nós, de uma questão politica, no sentido mesquinho que a essa palavra se liga entre nós. Trata-se d'uma questão nacional.

A questão, para quem tiver alma e intelligencia para se elevar, é esta, nos seus termos syntheticos: Portugal quer viver, ou quer morrer?

Se quer viver, a vida não está nas formas de governo, embora nós sejamos d'aquelles que dão importancia ás formas do governo. *Está na ordem, na instrucção, no trabalho.*

Seja qual for a forma de governo, nós succumbimos, se não nos disciplinarmos, se não nos educarmos, se não procedermos, *immediatamente*, á reforma do nosso caracter. E seja qual for a forma de governo, nós viveremos vida segura e prospera se tivermos educação e caracter. Logo, por mais importancia que tenha a forma de governo, *a forma de governo é secundaria*. Antes de adquirirmos a perfeição na forma de governo, havemos de reformar os nossos costumes, os nossos processos de fazer politica, o nosso caracter. Havemos de adquirir habitos de disciplina, de trabalho, de tolerancia e ordem.

Para nós, não cessaremos de o repetir, a questão é essa. E como o partido republicano, em vez do triumpho da democracia, que o mesmo é dizer da disciplina social, da ordem, da moralidade, da justiça, da tolerancia, do trabalho, representa o triumpho da vasa, da prostituição, do lodo social, do mais feroz espirito de intolerancia e facção, do mais torpe banditismo, da mais repugnante immoralidade, entendemos que é um elementar dever de honra individual e o mais importante dever civico, o maior serviço nacional, n'este momento historico, combate-lo *à outrance*, sem treguas, sem descanço, sem dó nem piedade.

Ao partido republicano, ao grupo dissidente, onde se aninham alguns dos maiores bandidos d'esta patria, e ao partido regenerador, já que o partido regenerador, alem de ter posto á sua frente um outro grande bandido, homem sem escrupulos, se fez solidario com a canalha e esteio da desordem.

A' urna, contra os republicanos!

A' urna, contra os dissidentes!

A' urna, contra o governo!

Isto é, á urna contra as peores quadrilhas da patria portugueza, contra o mais feroz espirito de banditismo, contra a mais desenfreada desordem!

A' urna, se queremos viver!

A' urna, se Portugal... quer ser Portugal!

Que não fique um homem em casa. Que o sagrado amor d'esta terra possa, no proximo domingo, vencer o universal egoismo, a triste indolencia, a desgraçada inercia dos que apregoam que *tanto faz mais um voto como menos um voto.*

Burguezes, altos burocratas, vós todos, homens das classes superiores e médias, que tendes que perder e que tanto berraes contra a canalha: *á urna*, que a canalha não falta lá. Essa não falta lá!

A' urna, ou não haverá salvação para Portugal!

Temos dito e repetimos: é um momento decisivo. O mais grave da nossa historia!

Governador civil d'Aveiro

A' hora do nosso jornal entrar na machina corre como certo que foi demittido o governador civil de Avéiro, sr. Henrique Vaz Ferreira. Francamente, achamos tão extraordinario que, sem vermos, não acreditamos.

Pois então, a ser certo o boato, porque foi demittido o governador civil d'Aveiro?

Dizem que por não commetter as violencias precisas para vencer as eleições. Mas quaes violencias? Só roubando *as urnas todas*, ou mandando espingardear, áparte o Termónocú, os eleitores. O Termónocú ficaria, ponto indiscutivel, para... perpetuação da especie.

Se a quadrilha regeneradora não tem *nenhuma influencia* no districto de Aveiro, a não espingardear em massa os eleitores, ou roubar as urnas todas, ninguem percebe as violencias que o governador civil havia de praticar *para vencer as eleições.*

E' espantoso! E por aqui podem ver, de novo, os leitores do *Povo de Aveiro* o que é o regulo d'Alijó e o que vão ser... as eleições!

Parece que as opposições tencionam desdobrar, vencendo as maiorias e minorias. Tal é a influencia do governo no districto d'Aveiro! E Teixeira de Souza, não podendo roubar as maiorias, contenta-se... com roubar as minorias.

E' essa a missão, ao que se diz, do novo governador civil.

Veremos o que ha de verdade em tudo isto.

Julgamento do "Povo de Aveiro,,

Não se realisou ante-hontem, como estava annunciado. A falta d'um dos juizes, sr. dr. Alvaro de Moura, fez com que o julgamento ficasse adiado, para dia ainda não determinado.

COMICOS!

Segundo vêmos d'uma transcripção feita pelo orgão official da prostituição republicana, o sr. Antonio José d'Almeida, que é uma especie de pyrotechnico-mór da idéa, escreve na sua alma, que elle teima em tratar por *Alma Nacional*, uma coisa sobre o sr. Candido dos Reis, que os inglezes não teriam escripto, em vida d'este, sobre Nelson, e que os japonezes ainda se não atreveram a escrever sobre Togo.

Se o sr. Candido dos Reis fosse um homem de tino, bastaria o despropositio do sr. Antonio José d'Almeida para elle mandar a *candidatura* para casa do diabo. Mas é verdade, tambem, que, se o sr. Candido dos Reis fosse um homem de tino, e *de mais alguma coisa*, haveria começado por não se approximar dos republicanos.

Nós nunca vimos o *grande marinheiro*, como lhe chama o sr. Antonio José d'Almeida, senão uma vez, em que no-lo mostraram na rua do Oiro, falando muito amigavelmente com o Julinho de Moura. E este simples facto fez-nos logo concluir que o sr. Candido dos Reis tinha *gloria e brilho, talento, lealdade e valentia, alma viril, honorabilidade, lustre, capacidade, garbo moral, soberba bravura, espada valente, honrada e brilhante*, tudo palavras do sr. Antonio José d'Almeida, para conquistar o coração, o *bondoso coração*, do illustre director da *Alma Nacional*. Mas, francamente, para conquistar a Europa, e mesmo a Republica, a Dulcinéa do sr. Antonio José d'Almeida, e do Julinho de Moura, o Sancho Pança, duvidámos.

Francamente... duvidámos.

Mas vamos a ver agora.

"Temos pois que officialmente a marinha de guerra portugueza vae ter a palavra no parlamento. Emquanto a não tem n'outra parte.„

Assim termina o sr. Antonio José d'Almeida o seu artigo. Mas ha-de sua excellencia perdoar. Se a marinha de guerra portugueza, tendo sido tantas vezes representada no parlamento, desde o almirante, e almirantes como Baptista d'Andrade, até ao segundo tenente, só agora vae falar, então antes de abrir a bocca no parlamento, ha-de abri-la... na outra parte.

E' por lá, pela outra banda, ou pela outra parte, que tem de começar.

Ou ella ou o sr. Antonio José d'Almeida. Um dos dois tem de começar por lá.

Resolvam primeiro esse conflicto e depois... será certo, *a marinha de guerra portugueza vae emfim ter no parlamento... a palavra.*

Que sucia de parvos!

Os rufiões da republica

Uma vergonha nacional

Ninguem ignora já n'este paiz que o miseravel, que está á frente da mais lida gazeta da quadrilha republicana, foi um *souteneur* infame. Por mais que elle negue! Foi um *souteneur infame*. De nada lhe vale negar! Todos os habitantes de Lisboa teem podido e podem verificar esse facto.

O miseravel viveu uns poucos de annos dos auxilios monetarios que lhe dava a dona d'um prostibulo, ainda hoje estabelecida na Travessa do Alecrim com a sua industria desgraçada.

A *Margarida das Flores* não se limitava a dar-lhe de comer. Dava-lhe dinheiro para a extravagancia e até para o jornal.

Não era elle só o *chulo* d'aquella mulher e d'aquella casa. Eram *chulos* d'outras mulheres da mesma casa differentes redactores do seu jornal.

Agora mesmo está á frente da gazeta um dos mais réles chulos de Lisboa, um dos rufiões mais ignobeis.

Carlos Trilho foi socio de França Borges na exploração do prostibulo da Margarida das Flôres. O França era o *souteneur* da patrôa. Carlos Trilho era o *souteneur* das outras desgraçadas. Entre ellas, a Pilarica, uma tal Pilarica, que elle, o verdadeiro rufio de melena e cigarro brejeiro ao canto da bocca, quasi todos os dias socava, a ponto de ter d'intervir a Margarida e o chulo do França Borges, porque as brutalidades do Trilho *lhes compromettiam o negocio.*

Não teem conta as mulheres que este pulha, antigo moço de forcado, companheiro do celebre Alfredo da Blusa e do Chico Lumiar, desordeiro emerito, brigão d'officio, bebedo incorrigivel, não teem conta as mulheres que esse pulha tem explorado. Prostitutas de todas as classes. Desde as que teem assento nos registos policiaes, como a já citada Pilarica, a Fuensanta, uma linda rapariga hespanhola que elle explorou infamemente uns poucos de annos, até ás titulares. Ainda ha pouco era *pago* por uma viuva riquissima, viuva de um africanista muito conhecido na capital, uma d'aquellas dissolutas que teem feito de Lisboa a cidade moralmente mais porca de toda a Europa, e já está a soldo d'uma viscondessa, por signal que essas novas relações teem constituido um dos escandalos de um dos mais conhecidos cafés da capital.

Quem percorrer a rua do Ferregial de Baixo, n'um inquerito, e outras ruas prostituidas de Lisboa, reconhecerá com pasmo que o actual gerente do *Mundo*, o substituto do França Borges, é conhecido e acclamado em todas as casas d'infamia como um dos maiores pulhas da nossa capital.

E eis ahi a redempção... que está promettida a Portugal!

Isto é uma grande vergonha nacional. Já não tem outro nome: é uma grande vergonha nacional. E é uma grande vergonha nacional, porque só n'um paiz prostituido até á medulla dos ossos, poderia exercer, como exerce, capital influencia em *partido de bandalhos.*

Que teem a desvergonha, a audacia insolente de falar a toda a hora na sua *intellectualidade* e na sua *moralidade.*

Na sua *moralidade!* A sua moralidade está exposta pelo *Povo de Aveiro*, em **mil casos**. Em **mil casos!** E a sua *intellectualidade* demonstra-a o proprio Margarido, nas correspondencias que manda todos os dias de Madrid para o seu jornal. Ainda a escrever, é o *chulo ordinario!* Nem sequer um *souteneur* elegante. O rufio, o miseravel rufio da Mouraria ou Bairo Alto, o chulo ordinario! O intellectual harmonisa-se intimamente com o moral!

E' deante d'um partido constituido por gente d'esta ordem, desde o Borracho, que fez pagar por 500$000 reis o serviço d'introduzir um burguez endinheirado na alcova da mulher que lhe concede as *suas graças*, desde o Bombarda, que não contente com os 500 ou 600$000 reis que recebe mensalmente a *sua adorada*, ainda mette em Rilhafolles, para ficar senhor absoluto da fortuna, o marido atraiçoado, desde esses dois *janotas*, altas columnas da egreja partidaria, até ao safardana do Carlos Trilho e ao bigorrilhas do França Borges, é deante d'um partido constituido por gente d'essa ordem, ladrões, bebedos, assassinos, cavalheiros d'industria, uma enorme *troupe* de bandidos, pulhas e canalhas, que emmudecem de medo os jornalistas monarchicos, que fogem aterrados os ministros, que curvam humildemente a cabeça os presidentes de conselho e que obedece humilde o proprio chefe do estado.

Que outra prova desejam da espantosa inferioridade d'esta terra desgraçada?

Isto não é uma patria.

Isto é um prostibulo dentro d'uma cloaca.

CARTAS LISBOETAS

18 de agosto

Meia duzia de reparos criticos d'um amigo obrigam-me a algumas considerações ainda, a proposito da organisação partidaria, tentada pelo sr. Agostinho Fortes, a quem, por varias vezes, n'estas notulas, se tem alludido, sempre com admiração pela sua illustração e pelo seu talento, sempre com respeito pelo seu caracter.

Veem esses reparos criticos a proposito da ultima carta, cujo *pessimismo atroz* alarmou o espirito claro do meu amigo, e, assim, as accusações contra a chroniquelha impressionista condensou-as elle, lucidamente, procurando vêr erros de doutrina onde não havia mais do que pontos de vista contradictorios com o modo de vêr, geralmente aceite, e rebuscando em passadas cartas flagrantes incoherencias de pensamento...

Não se trata, é certo, d'uma accusação, feita em publico e raso, á qual seja indispensavel, em publico e raso, dar satisfação e tirar desforço, mas tão sómente d'umas observações feitas em tom amigo, por quem, com olhos d'amigo vendo estas ligeiras annotações, como amigo pretende corrigir os possiveis *desvios* do annotador.

Já aqui se explicou um dia, não ha muito tempo, o nenhum proposito de fazer doutrinarismo ao tracejar estas simples notas impressionistas, ligeiramente, sem preoccupações de escola, sem facciosismos de partido, rabiscadas para tres ou quatro pessoas que conhecem o auctor e, por um condescendente interesse de estima, as passam por sob os olhos.

Um dia, por curiosidade de sujeito que lê coisas e mais ou menos deseja conhecer os intellectuaes da terra em que vive, fômos, a quando da homenagem da camara da cidade, a uma sessão solemne em honra de Alexandre Herculano — a ouvir Arriaga e Cunha e Costa, o dr. Carneiro de Moura e Agostinho Fortes.

Escrevemos aqui, a seguir, uma carta sobre a impressão recebida n'essa sessão solemne, primeira impressão de momento, á qual muito haveria a accrescentar — discutindo, por exemplo, documentadamente, certas affirmativas de Cunha e Costa — commentando certas digressões philosophicas da oração modelar de Manuel de Arriaga — carta escripta sobre o joelho, sem intuitos criticos, como natural desabafo de sujeito que tendo p'r'aqui uma penna, sente, uma ou outra vez, a necessidade de rabiscar...

N'essa carta se alludia, em tom admirativo, ao discurso de Agostinho Fortes. Disse-se, tão só e simplesmente, o que era de justiça, relacionando, claro, como não podia deixar de ser, as palavras de isenção e de verdade, com a personalidade moral do homem que, alli, tão desassombradamente as proferira, e ainda com a auctoridade mental do estudioso, que é um exemplo vivo de trabalho n'este paiz de varios parladores e rhetoricos bachareis.

Agostinho Fortes merecia-me sympathia. Impozse, n'esse momento, á minha admiração. E admiração e sympathia determinaram as referencias da carta citada.

Um dia, parece que no *Paiz*, Fortes permittese a liberdade de, republicano, apreciar, differentemente do costumado no servilismo partidario, actos do partido republicano, o que, no conceito dos nossos bons e liberaes democratas, tão liberaes e tão bons como inoffensivos e ridiculos, representa, pouco mais ou menos, um crime contra o estabelecido e, como tal, digno da punição maxima.

Fortes começa a afastar-se e tenta organisar um partido, buscando elementos no socialismo, trazendo-os do partido republicano.

D'aqui applauditmos a sua tentativa; d'alguma maneira, d'aqui, como soubemos e pudemos, o incitámos, com certa vontade mesmo, talvez, de ao seu trabalho de propaganda associarmos a nossa rebelde penna de impressionista critico.

Mas viamos, mas apontavamos-lhe as difficuldades da missão espinhosa, quasi titanica. Perguntavamos, mesmo:

«Tem esse homem envergadura para levar a cabo a sua obra, que deve ser uma obra de democracia pura, simples, singella, clara, de democracia tolerante na sua intransigencia, altivamente digna, dignamente rebelde?»

Se tivesse, que deitasse mãos á obra, lhe diziamos, mas que olhasse bem em roda, com cautela, por causa dos empecilhos que lhe seria preciso arredar, para chegar a seu fim, para triumphar, para vencer.

Mas «eu queria vêl-o correr os vendilhões do templo, não poupar, não tendo contemplações nem tibiezas.»

Depois, ah!... depois... pobre penna, que tal fizeste! Um dia chegou, dia de tédio, sombrio dia de descrença, talvez, em que dissémos a Agostinho Fortes: «Homem, que está o senhor a fazer ahi na praça, no meio d'essa gente divertida? Gosa o senhor o espectaculo ou vae tomar parte na peça? Não vê o publico distrahido a vêr aquelles palhaços que além estão ás cambalhotas? Aquelle, pequenino, o dos guisos, mascarado de periquito, com um rabo de papel? O outro, vestido de mulher, com o chapeu armado e o galão branco?... Não perca o tempo, Agostinho Fortes. Não entre em scena sem haver posto aquella gente na rua...»

Ah, pobre penna que tal fizeste; malfadado espirito doentio, que tal scepticismo determinaste! Mal sabias tu, minha amiga, companheira das longas noites de estudo, fiel amiga de sempre, que as tuas garatujas, inoffensivas, iriam irritar, inquietar, amortecer...

Aqui está a contradicção: uma vez dissémos a Agostinho Fortes: «Venha, corra aquella gentinha»! — E, tempo passado, dizemos-lhe: «Olhe que, afinal, não vale a pena fazer coisa alguma; deixe lá medrar os pygmeus...»

Simplesmente é preciso attender a que lhe aconselhámos o latego, o excitante d'uma boa tareia mestra e Agostinho Fortes não trouxe o latego; não deu a boa tareia mestra e, burguezmente, encaminhou-se para a praça, armado do seu talento, que é incontestavel, da sua honestidade, por todos reconhecida, e, como um professor deante d'uma turma de alumnos respeitosos, poz-se a doutrinar.

Não reparou que havia alli uns garotos, que deitavam a lingua de fóra, e que o povo, o tal povo soberano dos comicios e da gravata encarnada, quando não cabeceava de somno, applaudia os palhaços que, do outro lado, piruetavam, já semi-nus, suados e insipidos...

* * *

Uma dissidencia larga, uma funda e séria dissidencia no partido republicano daria, talvez, origem á criação d'uma democracia em Portugal, mas escasseavam para isso os homens.

E' de vêr quem acompanhou Agostinho Fortes...

Todos teem muita consideração pela sua pessoa, muitos lhe acham razão, carradas de razão; ninguem deixa de lhe reconhecer talento, o que é optimo; uma vasta illustração, o que é raro; um alto caracter, o que é rarissimo; alguns adherem mesmo... em espirito, e na hora propria de ferir o combate, o propagandista doutrinario, que sabe o que diz, encontra-se só, ou pouco menos.

Como quer, meu amigo, que eu não diga a Agostinho Fortes: «Olhe que o senhor tem perdido o seu tempo, e vae perder o seu latim?»

Se eu visse que havia alli a seu lado dois ou tres homens de pulso, como esse grande Ramalho, que escreveu as *Farpas*, e nos deu a conhecer a Hollanda, com uma energia sádia de homem forte e uma ironia soberba de critico — como esse rijo Fialho, que foi, e é, um dos maiores escriptores da nossa raça e, porventura, da época contemporanea — um grande jornalista, como Navarro ou Rochefort, como Clemenceau, Cassagnac ou Marianno de Carvalho...

Se esses homens, seguindo na mesma orientação, cahissem ahi assim, com meia duzia de artigos em cima do partido republicano, o partido republicano passava á historia, embrulhado n'uma mortalha, e da sua derrocada sahiria, provavelmente, a democracia portugueza e, então, Agostinho Fortes, sociologista, conhecedor profundo da vida e da historia dos povos, com a calma de espirito d'um verdadeiro trabalhador e a severidade d'um critico, orientaria para a vida a gerações que viessem e bem mereceria da gratidão dos novos, do reconhecimento unanime dos bons patriotas.

Assim... não tendo trazido o latego, não encontrando a seu lado os tres, os quatro homens indispensaveis — que não ha, n'este paiz, da envergadura mental dos citados — não indo com os seus amigos á urna contra os republicanos, que admira que eu lhe dissesse, com bom humor, que o senhor estava perdendo o seu tempo?

Eu bem sei que o meio é hostil e o senhor o sabe melhor do que eu; bem sei que o seu acto representa uma alta affirmação de coragem civica, mas a verdade é que o senhor está perdendo o seu tempo.

E' scepticismo isto? E'. Será. Seja o que os senhores quizerem; mas a verdade é que nem um momento só d'aqui se duvidou da sua honestidade, da sua illustração ou do seu talento.

Do que se duvidou, do que se duvida, do que, já agora, se duvidará é do seu exito.

Será uma manifestação de desalento, imperdoavel n'esta idade, incompativel com esta altura do tempo e da civilisação, affirmar que não vale a pena fazer coisa alguma, que o que ha é muita coisa a destruir, mas é, sem duvida (perdôem lá esta immodestia) uma manifestação de bom senso critico o fazer o possivel de arredar de trabalhos improficuos, intelligencias e actividades, que, bem applicadas, alguma coisa poderiam produzir...

Mas, produzir para que? perguntará agora o meu amigo optimista, que pelas suas considerações de benevola critica amiga, me força, debaixo d'este calor, a rabiscar estas notulas sobre assumpto que devia estar, d'uma vez, exgotado... Para que, sim, se isto é tudo uma *choldra?*

Por mero descargo de consciencia.

Eu não sei escrever, não sou bacharel, não tenho o saber de Agostinho Fortes, não sou de nenhum partido, mas uma vez comecei a rabiscar e, para não perder o habito — não porque Paul-Louis Courier houvesse escripto que a publicidade do pensamento era um dever e não um simples direito — mas para não cahir inteiramente no ridiculo, em face d'uns apreciaveis senhores, que passam a vida a fallar das vidas alheias... *para não perder o prestigio*, como dizia o doutor Ovidio, aqui me tenho conservado, por'qui, por'li, escrevinhando, annotando, commentando...

Destrambelhadamente, nervosamente, sem plano, sem obrigações partidarias, sem preconceitos de escola... Prosa livre e rebelde, penna irreverente mas sempre justa.

Não tenho responsabilidades mentaes, nem compromissos de facção e, se sinto momentos de desalento, tenho tido tambem boas horas consoladoras.

Agostinho Fortes é um publicista, é um educador.

Afastado do partido republicano, não teria necessidade de lançar-se n'uma aventura partidaria e, publicista erudito, continuaria a ser um educador.

Não podendo organisar um partido politico, esse homem criaria uma escola philosophica, e, entre meia duzia de discipulos attentos, elle faria, incontestavelmente, mais do que no meio d'essa turba-multa suada e ociosa.

Eu não pude, nunca, perdoar ao dr. Silva Cordeiro, que escreveu um livro admiravel — *A Crise* — e cuja penna é das que sabem escrever e cujo talento é, incontestavelmente, superior, o seu abstencionismo, só explicavel pela consciencia da sua superioridade n'este meio acanhado e ininteligente, em que os homens superiores passam, quando menos, por doidos.

Como perdoaria a Agostinho Fortes, que me fez, com o seu discurso na Camara, *sentir*, fundamente sentir a injustiça das palavras de Cunha e Costa, a proposito de Alexandre Herculano, que me fez vibrar de indignação ante a petulancia critica do ex-redactor d'*O Seculo*, e extasiar-me de admiração, curvar-me, reverente, deante da figura moral, titanica, quasi augusta de Herculano?... para — depois — em vez de proseguir nos seus trabalhos scientificos, vir dar-se a organisações partidarias!...

Como o applaudi, então?

Applaudi-o, pensando que a sua dissidencia representasse um golpe fundo no partido republicano, mas, assim mesmo, não o applaudi incondicionalmente; permitti-me reparos, ligeirissimas observações.

Vejo, ao fim de algum tempo, que o seu apoio eleitoral é, ainda, dado aos homens que, servindo-se de todos os expedientes, os mais baixos, os mais vis, os mais torpes, os menos dignos, arrastam o seu nome honrado pelas ruas da amargura e, como não tenho que me indignar, porque o *caso* não é commigo, e porque estou aqui rabiscando annotações e não escrevendo catilinarias de combate, limito-me a dizer-lhe que está perdendo o seu tempo.

Ha contradicção entre as palavras de agora e as palavras de ha tempos? Talvez. Mas não ha incoherencia grave de pensamento, antes se explica facilmente esta carta ultima, como logico corollario do que nas anteriores se escrevera.

O que se póde affirmar, sem receio de erro, é que a figura moral e mental de Agostinho Fortes, tendo destacado vivamente dentro do partido republicano, ha-de continuar cá fóra, seja qual fôr o destino do seu grupo politico, seja qual fôr o resultado da sua aventura partidaria, a destacar na sociedade portugueza — como um diamante de real valor se destaca sempre no escrinio onde se houverem lançado meia duzia de *béras*.

Belgavino.

Eternos intrujões!

Diz no *Primeiro de Janeiro* o popular José Augusto, o compadre mór do reino:

Fala-se muito n'um grande movimento diplomatico. Vejo, nos jornaes, que o sr. Thomaz Roza — hoje, conde de Souza Rosa — sáe de Paris, onde era nosso ministro. Ora ahi está uma noticia que deve alegrar aquelles que vão á linda capital franceza! Eram poucos os portuguezes que frequentavam a legação, por constar que o sr. conde de Souza Rosa não gostava muito de ver os conterraneos.

Pode ser que seja assim. Mas comnosco aconteceu isto.

Estivemos em Paris em 1906. Apresentámo-nos na Legação, o que era do nosso dever, como militar. Recebeu a nossa apresentação o 1.º secretario, dizendo-nos que estava ausente o ministro. No dia seguinte, escreve-nos o 1.º secretario a dizer-nos que o sr. ministro sentia não nos ter encontrado e que, se passassemos novamente pela Legação, teria muito prazer em se encontrar comnosco. Voltámos lá e o sr. conde de Souza Rosa recebeu-nos com a maior affabilidade, dando-nos informações precisas sobre varias questões militares que então estudavamos e obtendo-nos *immediatamente* uma auctorisação do ministerio da guerra para visitarmos uns certos estabelecimentos militares.

Eramos republicano. Embora não estivessemos nas melhores relações com o partido republicano, porque nunca as quizemos, os jornaes republicanos de todo o paiz ainda um mez antes nos tinham largamente elogiado. Não havia, pois, nenhum motivo politico a recommendar-nos á consideração e ás attenções de sr. conde de Souza Rosa. Como é que elle não gostava de ver os portuguezes, ou os recebia mal?

Ha que distinguir entre portuguezes e onagros.

Dos onagros, é natural que o sr. conde não gostasse.

Tambem nós não gostamos!

... Sr. Redactor

E' da sabedoria das nações que cada povo tem o governo que merece. O povo portuguez, o primeiro do mundo pelo seu heroismo, pela sua nobreza de caracter, pelo esforço do seu braço, e pelas suas conquistas e descobertas, em que levou a luz da civilisação, do progresso, das artes, das sciencias e das lettras a todos os recantos do globo, rasgando os mares em todas as direcções e descobrindo novos horisontes, novas estrellas, novos climas, novas ilhas e novos continentes, merecia sem duvida ter o primeiro logar entre as nações da Europa, a quem a nossa pode dizer: *Sou a vossa irmã mais velha.* Merecia por isso ter um logar mais distincto e um governo mais digno se mais dignos fossem os governantes e os governados.

Mas a patria de D. Affonso Henriques, de D. João I, de D. João II e de D. Manuel I, degenerou e corrompeu-se, desde que novas theorias philosophicas eivadas de erros e absurdos, vieram corromper o caracter portuguez até alli impolluto, firme e inabalavel nas suas convicções religiosas e patrioticas; e já o grande epico portuguez tinha deixado exarado nos seus versos sublimes, que, *tambem entre os portuguezes traidores houve algumas vezes.* Portugal, pela degenerescencia de seus filhos, pela sua deschristianisação, pela sua corrupção moral, pela sua perversidade, pelo seu cynismo e pelo seu indifferentismo, só tem merecido e merece governos que o explorem, que o aviltem e escravisem, porque um povo assim tão indigno, tão immoral, tão vil e tão mal educado, está muito abaixo da Arabia, da Servia ou da Turquia, de cujos paizes só se pode approximar como capacho, onde elles limpem a lama propria. E' certo que n'esses paizes tambem se matam reis e principes, tambem ha agitações politicas, tambem ha conspirações e revoltas populares, tambem ha muitas seitas religiosas, mas pelo menos n'esses paizes não se glorificam regicidas, não se protegem criminosos, não se escreve contra o Alcorão, não se insultam impunemente os chefes do Estado nem as auctoridades constituidas, nem se attenta contra a liberdade e direitos dos cidadãos e quando por ventura se dá algum d'estes casos, a justiça é infallivel, inexoravel e terrivel. N'esses paizes tambem não se esbanjam os dinheiros publicos na compra de votos eleitoraes, nem se mantem um exercito de parasitas a comer á meza do orçamento, nem se deixa impune a imprensa que mentiu, insultou, calumniou ou incitou o povo á desobediencia e á revolta contra as instituições nacionaes. Ora pergunto, sr. redactor:

Por que modo se hão de arrancar estes vicios e abusos, aliás tão inveterados na sociedade portugueza? Por que modo se ha de regenerar esta patria, levantando-a do lameiro putrido em que jáz ha tantos annos? Porventura com a propaganda monarchica? Com discursos patrioticos? Com conferencias politicas e doutrinaes? Com bons jornaes e bons livros? Com as salutares doutrinas da Egreja e da Religião? Mas como pode ser isso possivel se o proprio Christo, sendo um Deus, não conseguiu endireitar o mundo com as suas prégações e antes lhe foi tirada a vida? Desenganemo-nos, isto já não vae senão com um governo de ferro, que agarre em todos os revolucionarios e anarchistas, em todos os assinos e ladrões, em todos os bandidos e malvados, em todos os escandalosos e devassos e em todos os desordeiros e perturbadores e os mande para Timor. Só assim se fará obra limpa, perfeita e perduravel, porque então todos teriam juizo e ninguem mais se metteria em emprezas temerarias. Oiço dizer que tudo agora depende das eleições, caso a colligação dos partidos conservadores triumphe, como se espera. Ora, suppondo mesmo que a opposição vença o governo (o que é problematicamente duvidoso em vista dos meios de que aquelle se serve) que homens temos nós que não sejam os mesmos? O que é que elles fizeram quando governo, senão darem as mais evidentes provas da sua incapacidade, da sua imprevidencia, da sua cobardia e da sua transigencia criminosa com os inimigos do regimen, indo-se a terra ao som de dois murros de carteira? Emfim, do mal o menos e oxalá que a opposição triumphe. As lições do passado são o conselho do presente e o remedio do futuro. E' preciso que os monarchicos indifferentes despertem do somno do indifferentismo e que se lembrem do seu dever civico e patriotico. E' preciso que se lembrem que o dia 28 de agosto de 1910 é um protesto solemne da nação inteira, contra o dia 28 de janeiro de 1908 e 1 de fevereiro do mesmo anno. E' preciso que se lembrem que esses revolucionarios são os que hoje nos governam pela firma Teixeira-Affonso-Alpoim. Ha na capital do reino 45 a 50:000 eleitores e d'estes, só 10 a 12:000 são republicanos, tendo estes vencido a lista monarchica. Logo, onde estão os restantes 38:000 eleitores monarchicos? Estão entregues ao indifferentismo, sem se importarem com as eleições para coisa nenhuma, porque o sr. conde, o sr. marquez, o sr. general, o sr. conselheiro, o sr. almirante, o sr. magistrado, o sr. doutor, o sr. lente, o sr. professor, o sr. chefe de repartição, o sr. banqueiro, o sr. proprietario e todos quantos teem que comer, entendem que isto de eleições só quadra aos pequenos, aos que luctam pela vida e que só estes teem obrigação de votar para fazer subir os seus senhores.

Se ámanhã a canalha triumphar e que essa escoria seja solta a toda a redea e com carta branca para o saque e para a chacina, então hão de reconhecer sem remedio o grande mal que fizeram em ter desprezado o acto eleitoral.

Lisboa 16-8-910.

Um leitor do «Povo de Aveiro».

Já é audacia!

Já é audacia apresentar o Marinha de Campos candidato a deputado... pelo Porto!

Já seria audacia apresentar esse pulha, porque é um pulha, como é sabido de toda a gente que o conhece, candidato *por qualquer parte.* Mas pelo Porto!...

E' audacia.

E eis ahi mais uma prova do abatimento profundo em que cahiu esta raça.

N'outro tempo, quem se atrevesse a essa affronta seria corrido a chicote. Hoje, o Marinha vae ao Porto e no Porto é recebido pela forma que descreve o *Liberal.*

Ora oiçam:

Quando o sr. Marinha de Campos e outros apostolos republicanos chegaram, sabbado, ao Porto, uma copiosa multidão recebeu-os com estes gritos:

— Viva Marinha de Campos!
— Viva a revolução!
— Viva a republica!
— Abaixo a monarchia!
— Morra D. Manuel II!
— Viva o Buiça!

Quem escreve estas linhas seguia no mesmo comboio, ouviu todos estes gritos e notou que a policia assistiu indifferente e sorrindo.

Ao nosso lado um viajante hespanhol observou-nos, surprehendido:

— Lá que se dêem vivas aos deputados, vá; mas que se dêem morras ao rei e vivas a um assassino, nunca se viu em paiz nenhum.

Nunca se viu em paiz nenhum. Tem razão o hespanhol!

Concordamos

... Sr.

Ao ler o ultimo artigo de V. sobre o alcoolismo pensei que a imprensa poderia, pela publicação de artigos analogos, concorrer muitissimo para a educação do povo, sobre o ponto de vista da hygiene, aceio e conservação da saude. Ainda ha poucos dias li no *Seculo* o alvitre, bem apreciavel, d'um leitor, para que se estabelecesse no nosso paiz a lei da vaccina obrigatoria. Muitas familias portuguezas ainda deixam, por desleixo ou descrença na efficacia da vaccina, não só de revaccinar, como, mesmo, de vaccinar as creanças. Muitas outras, por ignorancia ou estupidez, escondem os doentes, como se está passando agora em Lisboa, para os furtarem ao isolamento a que seriam submettidos, preferindo deixa-los morrer sem tratamento e ao abandono e expondo os outros ao perigo de contrahirem a molestia. Fazendo-se uma propaganda n'esse sentido, seria talvez facil convencer esta gente do mal que fazem a si e aos outros; principalmente ás mulheres que geralmente teem o culto da belleza ou a vaidade natural, poder-se-hia fazer comprehender que não devem deixar as filhas expostas a perderem a vida ou a ficarem desfiguradas para sempre.

Emquanto a outras doenças contagiosas e que tantas victimas fazem no nosso paiz, como o typho e a tuberculose, succede o mesmo; a ignorancia é, a maior parte das vezes, a causa de tanto se propagarem.

Sei de casas em que tem havido quatro e mais casos de tuberculose na mesma familia, em pequeno espaço de tempo e devidos especialmente á falta de cuidado; creanças atacadas d'este terrivel mal por lhes terem dado sobejos de comidas de doentes, outras por terem usado fatos dos mesmos e innumeros casos que poderia citar, passados n'esta aldeia e especialmente na proxima villa de Torres Vedras (estou escrevendo da Ponte do Rol, aldeia proxima).

Os medicos tambem concorrem para esta ignorancia não prevenindo as familias e mesmo o proprio doente, das precauções a tomar.

V., com o seu brilhante e persuasivo estylo, poderia encetar uma campanha n'este sentido, que, com certeza, faria augmentar a grande sympathia que o *Povo de Aveiro* já merece. São pequenas regras de hygiene que todos que tenham alguma intelligencia, comprehendem, mesmo sem serem medicos. Seria uma grande obra de humanidade que V. emprehenderia.

Um enthusiasta do "Povo de Aveiro".

Sim, senhor. Estamos de pleno accordo. No *Supplemento do Povo de Aveiro*, onde já hoje abrimos uma secção nova, *Problemas*, trataremos, em breve, do assumpto.

Essas questões estão mais no caracter do *Supplemento*, destinado exclusivamente a *propagar conhecimentos uteis.*

Roletas

De grande precisão, proprias para grandes Casinos.

Ficheiros em osso, marfim ou madreperola.

Casa Senna — Salão de Jogos
RUA NOVA DO ALMADA, 52 — LISBOA

De Lisboa

... Sr. Homem Christo

Não estará ainda El-rei convencido de que se metteu em camisa de onze varas, deixando-se envolver na intriga que lhe armaram para entregar o governo á quadrilha cujo capitão mór é Teixeira de Souza? Não estará El-rei convencido que foi uma grande carrapata que lhe armaram, que lhe pode sair cara e ao paiz? Pois se não está convencido, é porque o seu intelecto funcciona muito mal, ou a athmosphera que o cerca é muito bronca. E' vizivel o mal estar da sociedade portugueza, os odios que este governo tem concitado, as perseguições que tem exercido nos que não se querem corromper, nem afastar da linha digna, séria e honrada que sempre teem seguido. Para este governo só lhe servem os mais crapulosos, os maiores bandidos, a ultima ralé, a ultima escumalha.

Só com esta sociedade, analoga aos trabuqueiros que tinha a seu soldo, quando foi chefe da fiscalisação dos tabacos em Traz os Montes, é que Teixeira de Souza se sente feliz. Só com gente d'esta raça, capaz de executar, sem hesitação, todos os seus planos de assassinato, de incendio, e de toda a ordem de veniagas e crapulices, é que se encontra á vontade. A gente de bem, d'honra, de brio e dignidade, não lhe serve. Que quadrilha, de que Teixeira de Souza anda acercado! D'esta vez, mordem a patria, porque é gente que anda faminta, e quer cravar a dentuça em naco, bem suculento.

Agora é que as quadrilhas teem o seu S. Martinho. E' o banditismo puro que está a governar, ou antes, a devorar o paiz. Mas elles nem ao menos teem o pudor de occultar as suas miserias e as suas audacias. Se os expulsarem do poder afogam o paiz em ondas de sangue; teem o desavergonhamento e o impudor de o afirmar, e ai do Rei, ai d'aquelles que se lhe atravessarem no caminho. Isto é nosso, diz a malta! Estamos famintos e portanto como ha que devorar não largamos a presa. E' esta a linguagem da turbamulta teixeirista. Quem passa pela arcada vê as caras patibulares dos que, em todos os pontos do paiz, quaes aves de rapina, cravam unhas aduncas nos cadaveres em decomposição. Não annunciou Teixeira de Souza que queria ser governo para servir os amigos?

Este réclame fez exultar de alegria as quadrilhas que constituem o seu grupo e d'onde tira a sua unica força. O fim principal d'este labroste é criar clientella á custa do thesouro e do paiz. E' necessario notar que esta quadrilha, importa-se tanto com o paiz e com o povo como eu me importo com o que vae pela Hotentocia.

O paiz e o povo, de que enchem a boca, só lhes serve para arredondar um discurso e um artigo e para lhe arrancar a ultima pinga de sangue. Para ver que Teixeira de Souza cumpre á risca o que prometteu, que só quer servir os amigos, basta attentar no que tem feito para conseguir larga pitança ao filho do seu amigo e panegyrista Ortigão, reporter de varios jornaes.

Fel-o primeiro deputado pelo Algarve, onde o rapaz era tenente de marinha. Chegado ao poder tentou fazel-o governador de Macau, sem elle ter, nem cathegoria, nem competencia, nem figura, nem *aplomb*, nem nada que o recommendasse para tão altas funcções. Quando levou esta nomeação a conselho de ministros ia cahindo Troia, porque José d'Azevedo, mais conhecido por José Gatuno, ia engolindo o chefe. Taes foram as razões apresentadas, que todos os collegas seguiram o oppositor e Teixeira de Souza ficou derrotado e o rapaz comido. Pae e filho, que já contavam com o ovo ainda no rabo da gallinha, ficaram furiosos, e barafustaram ameaçando subverter ceus e terra. Mas Teixeira de Souza, que só quer ser governo para servir os amigos, prometteu aos homens que haviam de ter posta ainda mais choruda. Não podendo encaixar em Macau o rapaz, prometteu-lhe o governo de Cabo Verde. Para isso queria demittir o Roçadas, governador de Angola, e transferir o Martinho Montenegro, governador de Cabo Verde e irmão do seu dilecto amigo Antonio Montenegro, que tem interesses valiosos em Angola, como o caminho de ferro de Ambaca, e a empreza das aguas de Loanda etc., etc., para governador d'aquella possessão. Assim matava dois coelhos d'uma cajadada só. Collocava em Angola o irmão do seu amigo para lhe zelar os interesses, e nomeava para Cabo Verde o rapazola, filho do que lhe faz os elogios no *Diario de Noticias* e *Primeiro de Janeiro.* Havemos confessar que a manobra era bem combinada, mas El-rei poz-lhe o veto. Não se prestou a assignar o decreto da demissão do Roçadas e lá se foi a bem combinada manobra por agua abaixo! Mais uma vez ficou o Ortigãosito comido.

* * *

Junto com o decreto da demissão do Roçadas ia o da transferencia do delegado Correia Leal para uma comarca dos Açôres pelo *crime que elle commetteu* de querellar do *Mundo*, jornal dos seus dilectos amigos, Affonso Costa, França Borges, Marinha de Campos e quejandos. Acompanhado ia o decreto da amnistia para os que assassinaram o Rei D. Carlos e o Principe Real e seus cumplices, e mais os das associações secretas, e mais o dos assassinos do pobre homem de Cascaes, e mais os dos ladrões dos cartuchos da alfandega etc. e tal. Toda esta manobrasinha bem combinada foi por terra porque o Rei, honra lhe seja, não assignou.

1.º Mandaram os decretos ao Bussaco, por um correio, mas voltaram na mesma;

2.º Marcha rapidamente Teixeira de Souza, que voltou com o rabinho entre as pernas e expellindo raios e coriscos;

3.º Marcha Zé d'Azevedo, a ver se com as suas diplomacias e com a sua labia conseguia intrujar o Rei; moita carrasco.

4.º Conseguiu mandar a Rainha para ver se com as suas ternuras e lamechices podia intrujar o filho.

Tudo foi baldado! Bravo Senhor D. Manuel. Assim é que é. Vá mostrando essa tesura e verá como o paiz está todo a seu lado. Pode perder as quadrilhas, e perde de certo, mas adquire a força dos homens honestos e do paiz inteiro.

* * *

Falhando este plano que tão habilmente tinha architectado, concebe outro para aplacar os seus amigos republicanos que queriam arrebitar as orelhas. Como a lei de contabilidade não permitte ao governo atascar as mãos nos cofres publicos á sua insaciavel vontade, porque o illustre director geral Navarro, honra lhe seja, não deixa, tem preparado uns poucos de decretos para aberturas de creditos especiaes, com o fim de ter dinheiro para corromper a massa eleitoral, e satisfazer os republicanos que já andam furiosos por não lhe ter dado o dinheiro que lhe prometteu para pagarem o armamento, ainda em divida, para a celebre revolução, abortada em 28 de janeiro.

Affirmo e juro que isto é absolutamente verdadeiro. Mas estes decretos teem de ser approvados pelo conselho de Estado. Sempre queremos ver o que fazem os membros d'esta alta corporação sabendo que d'estes creditos ha-de sahir o dinheiro para os republicanos pagarem o armamento destinado á revolução que tinha por fim fazer a republica e expulsar de todo a familia Real, manobra a que andou associado o caudilho da dissidencia, o mais mirabolante e ascoroso politico da nossa terra, o Alpoim. Outra manobra, não menos edificante, está na forja. Alpoim trabalha para voltar para Macau o seu amigo Lello que ali foi secretario geral e teve de ser deitado de lá para fóra pelos actos de *escroquerie* que lá praticou. O homem não fazia nada sem lhe darem valiosos presentes, alguns dos quaes mandava para o reino a varios e valiosos amigalhotes taes como Alpoim, Teixeira de Souza e quejandos. Houve um governador que o correu, porque os escandalos eram mais da marca.

Ha uns poucos de annos que por ahi anda a passear, a estragar as calçadas, sem os seus protectores terem podido conseguir que elle volte a occupar o seu almejado logar. Pois parece que agora se faz a vontade ao homem. Pelo menos o negocio está na forja.

* * *

Sr. Homem Christo, os escandalos são tantos, tantos, que, só eu, podia encher todas as semanas o seu jornal, expondo o que estes quadrilheiros teem feito e o que premeditam fazer. Elles não sonham n'outra cousa senão em explorar o paiz, em seu proveito e dos amigos, e o paiz que se afunde que para elles é indifferente. O que elles teem feito para vencer as eleições excede tudo quanto a imaginação pode phantasiar. Tenho assistido a muitos actos de corrupção eleitoral, mas uma coisa assim nunca se viu! Quem vota com o governo tem licença para tudo, quem não lhe dá o voto é perseguido, atormentado, e victimado. E dizem estes malandros que são liberaes!

Empregado de fazenda que vote com a opposição monarchica é logo transferido, mas o chefe d'esta corporação, conde de Mangualde, foi andar de automovel a correr as Beiras em cata de votos para o governo. Empregado judicial ou ecclesiastico que se atreva a não ser Teixeirista tem a mesma sorte, mas lá anda do mesmo modo o director geral do ministerio da justiça, Visconde da Torre, egualmente de automovel a correr o districto de Braga a galopinar desenfreadamente com aprazimento da quadrilha. Por estes processos e com o dinheiro que tem espalhado por esse paiz fóra, ganha as eleições; não ha duvida; mas não obstante tudo isto, se as opposições não fossem de lama, se não estivessem no quartel da saude, sem se quererem ralar, a derrota do governo era certissima. Já alguem viu um membro da commissão eleitoral progressista sahir da toca, ir a qualquer ponto fazer propaganda eleitoral? Isso viu elle! Já alguem viu os candidatos percorrerem os seus respectivos circulos a apresentar os seus programmas aos eleitores e solicitar os seus votos? Isso viu elle. Já alguem sabe quaes são os candidatos que a opposição apresenta pelos diversos circulos do paiz, estando a dois dias da eleição? Isso sabe elle. Então isto são processos de combater um governo d'estes? Os eleitores que trabalhem, que gastem dinheiro, que se afadiguem, que s. ex.as lhes dão a honra de lhes acceitar os diplomas.

Se o governo é venal, corrupto e devasso, as opposições são de lama, não estão á altura da sua missão. Esta é que é a verdade.

* * *

Senhor D. Manuel, Vossa Majestade entregou o governo do paiz aos seus maiores inimigos.

Affirmo-lho porque o sei. Trama-se contra as instituições planos muito graves. Não posso adiantar mais porque estou prezo pela minha palavra de honra e eu sou um homem de bem. Vossa Majestade não tem o throno garantido. Informe-se, não com os seus ministros, porque esses estão combinados com os seus inimigos, mas procure pessoas extranhas á politica, ou politicos desambiciosos e hade chegar a descobrir o fio da meada. Um rei deve ter a sua policia especial. Não confie nos que suppõe mais seus amigos. Veja o que succedeu aos Reis da Servia, que foi a gente do seu palacio, a que vivia mais na sua intimidade, que os trahiu. Não é da parte masculina da sua *entourage* que tem a receiar.

Procure os seus inimigos entre os actuaes ministros e nos chefes das quadrilhas que os apoiam. O Imperador da Allemanha tem a sua policia privativa. O Imperador do Russia o mesmo. Igualmente o presidente da republica franceza. Não esteja tão despreocupado, Senhor D. Manuel, suppondo-se salvo porque entregou o poder a Teixeira de Souza. Vossa Majestade tem um symptoma para abrir os olhos. Não acha extraordinario o socego dos republicanos e o apoio que a *troupe* Affonso Costa dá ao governo? Ha tempo escrevia um jornal republicano:

«A monarchia faz-se liberal? N'esse caso suicida-se. Faz-se reaccionaria? Matamo-la nós».

Outro jornal republicano dizia tambem:

«Quanto mais a monarchia nos der, mais lhe exigiremos nós. Emquanto as actuaes instituições existirem, não haverá um momento de socego; se querem ordem, deixem-nos fundar a republica»

Isto mesmo teem elles proclamado, sem rebuço, nos comicios, nas conversas e na imprensa. Imagina Vossa Majestade que mudaram de opinião, porque é presidente do conselho o amigo dilecto dos republicanos, Teixeira de Souza? Esta gente não quer outra coisa senão a republica e só desarma perante aquelles que lhe prometterem realisar as suas tresloucadas ambições.

Lembre-se, meu Senhor, que já fizeram duas tentativas, uma no Porto em 31 de janeiro de 1890, outra em Lisboa em 28 de janeiro de 1908.

Lembre-se do proverbio: «Tres o diabo as fez».

Fica Vossa Majestade prevenido por pessoa que lhe é absolutamente dedicada e ás instituições, porque reputa uma grande fatalidade o estabelecimento dos republicanos em Portugal com a malta que constitue hoje este partido.

A. P.

Realisa-se hoje, no theatro Aveirense, como já dissémos no domingo, uma recita promovida pelo Club Mario Duarte, em honra dos concorrentes do Campeonato de Natação. Representa-se a comedia de Eduardo Garrido, em 3 actos, *Mosquitos por Cordas.*

PROVINCIAS

Ponte da Barca

Ahi andam elles, os illustres *caciques* locaes e seus apaniguados, n'uma roda viva por montes e valles, de freguezia em freguezia, de logarejo em logarejo, de porta em porta, á caça de votos, aqui saltando um vallado e galgando uma parede (muito custa.. a levar a vida!), para irem acolá, áquella coirela, mendigar o voto d'aquelle homem que anda mondando e sachando o seu milho, e ali, mettendo-se por entre o silvedo e a urze em direcção áquella encosta, onde um outro homem anda cortando matto, para o intimarem a deitar o voto pelo governo.

N'esta occasião a todos chamam pelo seu nome, a todos tiram o chapeu, a todos apertam a mão, a todos tratam por *meu caro amigo*, no meio dos sorrisos ironicos dos cortejados, aos quaes se ouvem bocadinhos como estes:

— "Olha o grande figurão, que já me chama *seu amigo*, e ainda ha bem pouco tempo, indo eu á villa para lhe falar, voltou-me as costas, fazendo de conta que me não conhecia, deixando-me ficar com cara d'asno."

— Estes homens, meu caro, só nos conhecem n'estas occasiões e quando lhes levamos os presentes que nos custam suor de sangue. Uma vez veio um d'elles pedir-me o voto (cita o nome), fazendo-me mil promessas, a ponto de parecer que me queria metter no coração, e eu, com muito sacrificio, porque andava doente, lá fui á urna fazer-lhe a vontade. Quinze dias depois das eleições fui a casa d'elle para lhe pedir um pequeno favor, que estava na sua mão e que não lhe custava dinheiro, nem cousa que o valesse, e elle, mal me viu entrar a porta, gritou-me assim, todo zangado: — "Ponha-se já no ôlho da rua, ó seu labrego!"

A'quelles cujos votos consideram seguros, os *caciques* dirigem phrases como estas: — "Nós estamos certos, hein? olhe que eu lá o espero." Aos indifferentes, aos teimosos, aos adversarios, fazem promessas, pedem, supplicam, ameaçam, e improvisam discursos, alguns dignos de registo.

Eis um d'esses discursos, pronunciado ha dias por um *cacique* d'este cencelho, perante um grupo de seis eleitores:

"Eu, meus senhores, não sou forte em historia universal, (elle só é forte a comer os lombos e os entrecostos de que os patetas lhe enchem a casa — disse, baixinho, um dos do grupo), por isso não sei dizer se desde que ha mundo já appareceu em algum paiz, que não fosse o nosso, um estadista tão notavel como Teixeira de Sousa. Em Portugal, meus senhores, é o primeiro, (é o primeiro, é, que de tocador de pifaro e com o seu uniforme de musico d'aldeia, n'uma banda lá das immediações de Chaves, chegou a presidente do conselho — murmurou um dos ouvintes). Todos os outros são figuras apagadas á beira d'esse gigante que ora dirige, por felicidade nossa, esta barca oito vezes secular.

"Os pigmeus, os pequeninos invejosos, emfim, todos os que não comprehendem os vôos da aguia, apontam-lhe erros. Mas esses erros, meus senhores, são outras tantas pérolas engastadas no diadema que cinge a fronte augusta do maior homem de estado, que eu conheço, atravez de todas as edades.

"Dizem que este governo subiu ao poder por meio da arruaça. Mas, meus senhores, ha arruaças que se justificam quando os nossos adversarios são tão sovinas que nem sequer uma côdea nos dão para entreter a *negra*... Accusam'o tambem de estar entendido com os republicanos. Mas isso, meus senhores, é para nós um bem, porque estando nós alliados com o partido onde estão filiados os "Pechugas", os varios "Petizes das gravatas", e quasi todos os rufiões e semi-rufiões de diversas côres e feitios, podemos andar descançados, sem receio de que nos empalmem as nossas carteiras e nos arrombem o *folle das migas.*

"Vou terminar, meus senhores, asseverando-vos que se este governo se sustentar no poder dois annos — não é preciso mais — pagaremos toda a nossa divida, fecharemos sem *deficit* o nosso orçamento, as contribuições serão reduzidas e ainda comeremos o bacalhau a tostão e o arroz a vintem. (E sopa de barbatanas de tubarão a 5 réis a panella — disse um dos ouvintes). A' urna, pois, meus senhores, pelo governo e contra a maldita colligação."

O amigo banana não diria mais nem melhor. E é com esta inconsciencia que elles andam á caça do voto, d'essa cousa tão sagrada e tão digna de respeito, sem um unico motivo que justifique ou cohoneste a caçada que se está fazendo n'este concelho.

Porque a verdade é esta: se ha politicos n'outras localidades, que podem allegar serviços prestados á sua terra, para justificarem a pedincha do voto, os d'este concelho nada, absolutamente nada podem allegar. Senão, aponte, quem puder ou souber, um unico serviço, um só, que os srs. José Maria Martins, prior de Viila Nova de Muhia e criado do sr. Reimão, Pedro do Amaral Sarmento, Manuel d'Azevedo e outros, tenham prestado a este concelho.

E ha tantos annos que estes homens andam mettidos na politica, e o concelho, como já aqui mostrei, mergulhado ainda na edade da pedra lascada!

O sr. Pedro Sarmento, que abandonou os franquistas e abraçou a politica de Alijó, quando este governo subiu ao poder, com o fim de ser nomeado, como foi, administrador do concelho, nunca cuidou senão de si e da sua familia. O sr. prior de Villa Nova de Muhia, depois de se arranjar a si, não mais pensou senão em servir a titulo gratuito o sr. Reimão, de quem é servo tão obediente e submisso, que, se elle Reimão lhe disser: — "O' coisa, anda d'ahi, vamos vender rabos de bacalhau e concertar penicos", responde logo: — "sim, patrão, vamos lá vender rabos de *bacalhau* e concertar... isso que você diz."

Flagrum.

—†—

S. Thiago do Cacem.

Sr. Redactor.

Tendo lido e apreciado todos os artigos que *O Povo de Aveiro* transmitte nas suas columnas, e sabendo com que avidez elle é esperado e lido, tomo a liberdade de me dirigir a V., pedindo-lhe a publicação das linhas que se seguem.

Constando, aqui, que alguns caudilhos republicanos vinham a esta terra dar um comicio, alguns *correligionarios pelicanos*, reunindo em *assembléa geral*, resolveram, então, fazer aos *grandes homens* uma *manifestação estrondosa, imponente!...* Ora, alguns d'esses *correligionarios* faziam parte d'uma sociedade philarmonica d'aqui, "A Pantanas". Como a direcção da referida sociedade lhes não cedesse os instrumentos para a tal *manifestação*, pois que a sociedade é composta de socios que militam em differentes partidos politicos, e não queria molestar ninguem, no que andou dignamente, reuniram por sua vez, e resolveram despedir-se da sociedade.

Foi então que, n'uma noite, na occasião do ensaio, o *correligionario Groza botou figura*, pronunciando um *brilhante e commovente discurso*, ouvido attenciosamente pelos *correligionarios Caraça, Prego, Menino Doce*, e outros que ainda não receberam *baptismo* (o que não tardará).

Ora estes *correligionarios* tinham-se compromettido a ir tocar, na companhia da banda de que faziam parte, a um divertimento popular.

Como lhes não cedessem os instrumentos, para se irem arrastar, quaes miseros rafeiros, aos pés dos *grandes homens*, despediram-se então da sociedade, demonstrando, assim, quão baixos são os seus sentimentos, compromettendo a sua

palavra d'honra (que não teem) e deixando uma corporação seriamente compromettida!

Isto é n'estas cousas pequenas!

Que fariam estes *melros*, se um dia chegassem a cantar de poleiro? E dizem-se republicanos!

Pelicanos... penicanos... é que elles são!... Bem o disse Bocage: *que isto de honra e de virgo...*

Quão burlesco é o caso, de vêr o *correligionario Chouriço*, sobraçando o *Mundo*, chegar a uma esquina, desdobral-o e começar a *lêl-o* de pernas para o ar, pois só assim é que *sabe lêr!... Pelicanos... penicanos!...*

Julgaram os homens que, sahindo elles da sociedade, ficaria a philarmonica derrotada, e deixaria de comparecer ao alludido divertimento popular! Mas, enganaram-se. Ella lá foi, retumbante, rija e teza!... E olhe, sr. redactor: como era pittoresco vêr marchar, garbosamente, a banda e, na rectaguarda, os *correligionarios, de orelha murcha e fazendo beicinho!...*

Agora dizem que os *grandes homens* adiaram a sua *visita* aqui!

Segunda lenda d'el-rei D. Sebastião! Eu até os aconselhava a desistir de cá virem, pois que nós já estamos fartos de ouvir *parlapatices e cantilenas!*

Não nos deixamos *engazopar* com *bombardinices*, nem *camachices*, e jámais terão, para nós, merecimento algum as prophecias d'este ou d'aquelle.

Agradecendo a V. a publicação d'estas linhas, peço me desculpe d'esta grande massada.

Um admirador d'«O Povo de Aveiro».

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana, Alemquer**—João dos Santos Pereira. **Paderne,** (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silva. **Arganil**—José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Coja (Arganil)**—Antonio das Neves Pimenta.—**Castello de Vide**—Antonio Louenço Beliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Certã**—Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)**—Francisco Mórem. **Mirandella**—Annibal Cunha.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceia*)—João Mendes Cabral Lages.—Miguel Maria Tavares. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Nellas**—Agostinho da Costa Campos. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Ponte do Lima—Estabelecimento do sr. Antonio da Cunha Nogueira. **Povoa do Varzim**—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Estabelecimento de Bernardo Razoilo.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Livraria Schettino—Rua do Ouvidor, 18;—Rua 1.o de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria—Rua do Ouvidor, 181; A. Moura—Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus—Agencia Freitas.

Santos—José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.

FILTROS Chamberland SYSTEMA Pasteur

Os unicos capazes de se opporem efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas

Approvados pela Academia de Medicina de Paris
Academia das Sciencias
Premio Montyon
Exposição Universal de Paris, 1900
DOIS GRANDES PREMIOS

J. L. de Meyrelles
DEPOSITARIO PARA PORTUGAL E COLONIAS
R. Nova do Almada, 79, LISBOA
REMETTEM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

Força Saude e Alegria

N'estas tres palavras se resumem os effeitos da electricidade no corpo humano.

Um individuo é triste ou alegre segundo o estado dos seus nervos. A neurasthenia ou fraqueza nervosa produz mais victimas que uma epidemia. O padecente tem o espirito mergulhado n'uma atroz tristeza. A vontade de trabalhar desapparece e a sua unica aspiração é fazer cessar os seus soffrimentos, ainda á custa da propria vida.

Quando os nervos chegam a este estado, todos os orgãos se resentem, sendo o cerebro o primeiro a ser affectado, quebrantando a energia e diminuindo a intelligencia e faculdades de trabalho, e a velhice antes de tempo não se faz esperar.

Os tonicos, banhos e duches são impotentes para fazer cessar esse estado, aggravando-se o mal dia a dia.

É aqui que a electricidade vem desempenhar o seu mais importante papel

Os nervos absorvem a corrente electrica como a esponja embebe a agua, conduzindo á medulla o ao cerebro a saude e a vida.

Pelo nosso systema, a electricidade é ministrada dia a dia, racionalmente, sem excesso, fortalecendo os nervos, os musculos e os orgãos da digestão. O figado e o baço são beneficamente influenciados, e a electricidade, penetrando directamente nos rins, por meio de placas apropriadas, faz com que estes orgãos se activem nas suas funcções, eliminando do sangue os venenos que inquinam a economia.

E' assim que nós curamos a neurasthenia, as doenças de estomago, figado e rins, o rheumatismo, a gotta, as dôres sciaticas, o hysterismo e os ataques epilepticos, a paralysia, a prisão de ventre, a impotencia e todas as debilidades dos nervos e musculos.

Os medicos que tenham um doente considerado incuravel são convidados a vir ao nosso consultorio expôr o caso aos nossos medicos portuguezes do serviço de consultas.

Ricos e pobres são aqui egualmente bem recebidos.

O «**VIGORISADOR ELECTRICO**» **do Dr. McLaughlin** tem realisado milhares de curas em todo o paiz.

Esta casa conta mais de trinta succursaes em toda a Europa e America e em toda a parte o credito da electricidade pelo nosso systema está firmado por curas como esta.

Vejam os effeitos do nosso tratamento

Anemia, dyspepsia com prisão de ventre, dôres nervosas por todo o corpo e debilidade geral, com suppressão de menstruação, ha mais de 20 annos, completamente curadas:

Sr. Dr. McLaughlin.

Logo que recebi o **VIGORISADOR,** que comprei por intermedio de meu sobrinho Vicente Martins Gama, comecei a usal-o, sentindo sensiveis melhoras, a ponto de me encontrar hoje completamente restabelecida da anemia e fortes dôres por todo o corpo, dyspepsia com prisão de ventre e debilidade geral, havendo talvez mais de 20 annos que não me vinha a menstruação, vindo hoje regularmente, depois de usar o seu invento.

Por isso venho hoje dar-lhe testemunho do meu reconhecimento, que pode tornar publico, porque graças ao seu maravilhoso invento estou completamente restabelecida dos meus antigos soffrimentos.

Bragança.—De V., etc.—*Catharina Martins.*

A todos offerecemos um livro de 86 paginas primorosamente illustrado, descrevendo o nosso systema de applicação da electricidade e representando o corpo humano. Com o livro damos um impresso para consulta.

Venham ao nosso consultorio ou escrevam-nos. Serão immediatamente attendidos.

Consultas gratis e um livro explicativo gratis a todos

O nosso consultorio está aberto ao publico para consultas gratis, usando os nossos medicos sempre de toda a franqueza. A todos damos um folheto illustrado gratis. Quem não puder fazer uma visita e quem viva fóra de Lisboa, preencha o **coupon** abaixo e receberá na volta do correio o nosso livro gratis e um impresso para consulta.

Dr. M. E. McLaughlin

RUA AUGUSTA, 188, 2.º — LISBOA

Horas: 9 m. ás 7 n.

E COUPON
VALE UM LIVRO E CONSULTA GRATIS
Nome .....
Rua .....
Terra .....
CORTEM E MANDEM ESTE COUPON

Bebam as Aguas Medicinaes DO CASTELLO DE MOURA

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio — *Rua do Loreto, 15 e 17* — **LISBOA**

Atelier de pose e officinas — *Cerca do Colleginho, 7* — **LISBOA**

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

Os proprietarios e lavradores

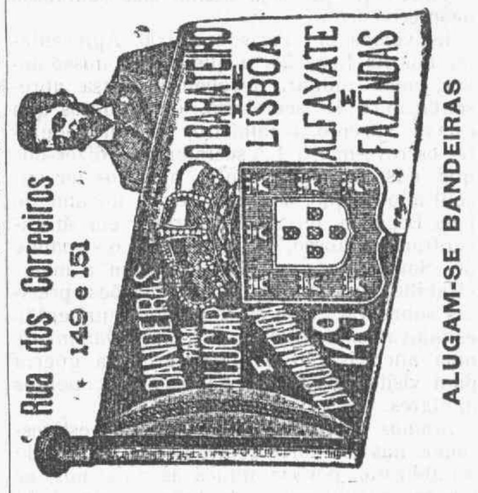
que necessitem de quaesquer materiaes de construcção para suas obras devem dirigir-se á antiga casa

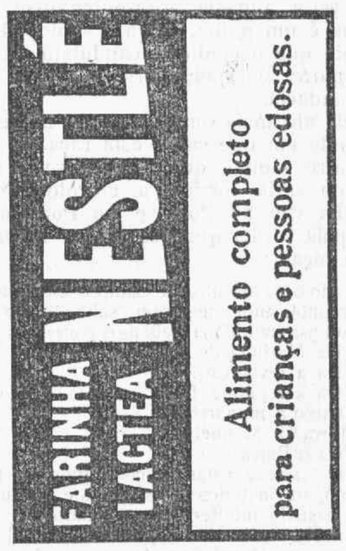
J. LINO Rua do Caes do Tojo, 35 — LISBOA

Unica que lhes pode fornecer todos esses materiaes nas melhores condições de qualidades e preços por serem na sua maioria productos de suas fabricas e os outros são obtidos directamente e em primeira mão.

Fornece catalogos, desenhos e preços e dá quaesquer esclarecimentos que sejam pedidos ao seu escriptorio geral na **Rua do Caes do Tojo, 35, LISBOA,** ou pelo telegrapho a

Jotalino—LISBOA





FOMENTO AGRICOLA

Companhia Internacional de Seguros

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

—CAPITAL, 600:000$000 RÉIS—

SÉDE — Rua do Ouro, 292, 1.º

LISBOA

Indemnisações pagas por sinistros desde a fundação até 25 de Abril de 1910:

170:087$055 réis

Seguros de propriedades e moveis; seguros maritimos, agricolas e postaes.

Peçam-se tabellas. Agencias em todas as cidades, villas e aldeias do continente e ilhas.

Aceitam-se agentes aonde os não houver

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:

RAMIRES & C.ª

—Praça da Batalha—PORTO—

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28

PORTO

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Gulescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

TELEPHONE: 3035

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º—LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º—PORTO

A's mães

Se quizerdes ter em 2 a 6 dias abundancia de bom leite, tomae a **VITALOSE** do pharmaceutico A. P. de Figueiredo, e não mais vos faltará emquanto dnrar a amamentação.

Unico medicamento de resultados garantidos.

A' venda em todas as pharmacias — **Frasco, 900 réis.**

DEPOSITOS

GERAL: Pharmacia Figueiredo, Alvito (Alemtejo).—Em Lisboa: Cruz & Sobrinho, 40, rua da Magdalena, 44.—No Porto: Pharmacia Magalhães, 292, rua do Rosario, 298 e sua Filial, **Praça d'Almeida Garrett, 31 (antiga Feira de S. Bento).**

Enviam-se prospectos a quem os requisitar

Ao commercio de retalho

Vende-se por 30$000 réis um transmissor de dinheiro para o caixa (3 correspondencias). *Systema usado na casa Grandella.*

Mangualde—L. Cabral

O Povo de Aveiro

Supplemento litterario

Director: **Homem Christo**

Redactor litterario: **Homem Christo, Filho**

Numero 4 — Anno I

ASSIGNATURA, ANNUAL . . . . . 300 REIS
AVULSO . . . . . 10 »

Distribuido gratuitamente aos assignantes do POVO DE AVEIRO

Aveiro, 21 de agosto de 1910

Summario

Problemas	Homem Christo
Cartas de Longe	Homem Christo, Filho
Analysando	F. M.
O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal	Homem Christo
Vária	X.
Alcoolismo	Homem Christo
Dictos e proverbios	X.

Problemas

A questão do analphabetismo no exercito, em especial, e em todo o paiz, no geral, preoccupa, de novo, os homens publicos da França.

As estatisticas, fornecidas pelo serviço do recrutamento, ha uns poucos d'annos computavam entre 9:000 e 10:000 o numero d'analphabetos entrados annualmente no exercito. Mas este anno, um inquerito rigoroso, determinado pelo ministerio da guerra, concluiu que tinha sido de 14:000 o numero de analphabetos da ultima classe. Alem d'isso, viu-se que a instrucção litteraria d'uma parte dos recrutas *lettrados*, deixava muito a desejar.

Eu tive occasião de observar este ultimo facto nos meus inqueritos como commandante de companhia durante o periodo em que ministrei ensino elementar aos soldados. Referi-o nas cartas que então dirigi a varios periodicos e que se encontram colleccionadas no livro *Pro Patria*. Isto é, dos soldados, que nas folhas de registo appareciam como sabendo ler, escrever e contar, muitos não sabiam escrever e eram raros os que conheciam *todas* as quatro operações arithmeticas. Uma deficiencia do ensino elementar que se deve ter aggravado, como se aggravou em França, nos ultimos annos.

Em França attribue-se o caso á falta de fiscalisação, de zelo, dos inspectores das escolas, e, tambem, a . . . *quelques agités qui font plus de bruit que de sérieuse besogne*. Em Portugal, as causas devem ser as mesmas. A todos os motivos, que já existiam, — numero insufficiente de professores, maus methodos, abandono, desleixo, — deve-se ter juntado o da indisciplina, o da anarchia produzida pela invasão das ideias republicanas na corporação dos professores primarios. *Muitos d'estes «cidadãos» empregam mais o tempo, sob a protecção descarada, e até com incitamento ultrajante de varios sub-inspectores escolares, em prégar sermões de republica aos rapazes, do que em ministrar-lhes seriamente a instrucção litteraria.*

Essas creaturas, sem criterio nenhum, sem noção e consciencia da propria moral revolucionaria, começam sendo um dos mais formidaveis elementos d'este recrudescimento da pavorosa anarchia em que Portugal, definitivamente, vae sossobrar.

N'esta questão do analphabetismo, como em muitas outras, vê-se claramente a differença profunda que existe entre o temperamento francez e o temperamento allemão. O official do exercito allemão, que não hesitou em descer aos mais baixos misteres e arrostar as maiores inclemencias e os maiores perigos para exercer em França a espionagem, alegremente alliou ao officio, ao *nobre officio* das armas, o modesto encargo de professor primario. *Moltke, Hohenlohe, cada um dos homens, que mais se celebrisaram na guerra franco-allemã, confessou, com orgulho, que tinha sido mestre-escola.* Em França, não.

Em França discute-se *eternamente* a maneira de extinguir o analphabetismo no exercito, *sem nunca se chegar a um resultado*. Praticos, e methodicos, e contumazes, como é proprio do caracter nacional, cheios de civismo, inflammados no santo amor da patria, os officiaes allemães não estiveram com mais aquellas. Era preciso chegar *em pouco tempo* a esse grande resultado. Elles reconheciam, como os francezes reconhecem, que o analphabetismo era uma chaga no exercito *parce qu'il* — palavras d'um artigo que temos á vista — *nuit au recrutement des cadres et surtout parce qu'il peuple les rangs d'hommes difficiles à instruire militairement et à qui on ne peut confier aucune mission isolée.*

Na verdade, como instruir convenientemente, na arte da guerra, hoje tão delicada, tão difficil, tão complexa, um bronco, um boçal, um homem arrancado a uma fraga?

A instrucção elementar representa um *polimento*, um *desbastamento* na creatura humana, que fica mais leve de cerebro e até de corpo depois de ter recebido essa agua lustral do progresso. E' um facto d'observação singella, que todos reconhecem.

Como confiar, realmente, na guerra, uma missão isolada a um soldado analphabeto, incapaz de ler uma pequena carta do terreno, de receber ou transmittir com segurança a mais ligeira communicação ou a mais insignificante informação?

Mas a acção da guerra é hoje, por assim dizer, um grande conjuncto de pequeninas acções individuaes. Ou o soldado sabe ter iniciativa e dirigir-se, nas multiplas exigencias e multiplas contingencias do campo da batalha, por si proprio, ou o chefe fica esmagado sob uma centralisação, que é inteiramente impossivel executar. Desde que o chefe tenha de andar aos empurrões ou a puxar pelo jaleco de cada um dos soldados, a fim d'elles procederem com acerto, a derrota é inevitavel.

Sendo isto assim, e querendo os officiaes allemães attingir a perfeição em curto praso, o que havia a fazer? Ficar á espera que chegassem ás fileiras os contingentes habilitados pelo professor primario?

A instrucção militar era fatalmente imperfeita, emquanto o soldado fosse analphabeto. O soldado não seria, emquanto analphabeto, *um bom soldado*. Mas só d'ahi a dez ou doze annos, por melhor que fosse a reforma da instrucção elementar, por maior empenho que fizesse a nação em extinguir o analphabetismo, esta extincção seria um facto. Logo, só restava um recurso: *ir, entrementes, o official do exercito, ensinando os adultos que entrassem analphabetos no exercito, — até estes desapparecerem, — em auxilio do mestre-escola.* Em auxilio do mestre-escola e do generoso intuito da nação. Era, sob um duplo aspecto, um grande serviço patriotico.

Teve civismo, abnegação, tenacidade para o iniciar e executar, acompanhado corajosa e nobremente pelo mestre-escola, o official do exercito allemão. E, por isso, se extinguiu, *de prompto*, o analphabetismo no exercito e na nação.

Faltou essa coragem, essa tenacidade, esse amor patrio, esse civismo, ao official francez em especial e á França em geral. E eis porque trinta annos depois d'estar inteiramente extincto o analphabetismo na Allemanha, ainda apparecem, no exercito da Republica franceza, quatorze mil analphabetos n'uma unica classe.

A França tem a escola d'instrucção elementar por companhia. N'isso, como em tudo, quiz imitar a Allemanha. *Mas faltou-lhe o substractum, a essencia, o tecido organico que conduz rapido á victoria. Faltou-lhe a energia, a tenacidade, a vontade.* A escola d'instrucção elementar por companhia não deu em França, nem na Italia, salvo, quanto a este paiz, no periodo d'iniciação, que foi um periodo d'enthusiasmo, nenhum resultado. Dizia-me em Milão um official d'artilharia, no quartel general do corpo d'exercito, que tem a sua séde n'aquella cidade: *Evidentemente, a instrucção elementar por companhias daria, sem nenhum inconveniente para a instrucção exclusivamente militar, um magnifico resultado — e n'um ou n'outro regimento assim succede — se os officiaes quizessem. Mas, em regra, os officiaes não se «dedicam». Não querem.*

De Portugal... nem é bom falar.

Comtudo, a nossa situação, sob o ponto de vista militar, como sob todos os outros, é cada vez mais grave.

Agora mesmo acaba Clémenceau de soltar em Buenos-Ayres um grito de guerra formidavel. O antigo revolucionario felicita os soberanos do mundo por não terem querido, jámais, examinar a questão da limitação dos armamentos. Isto é, presta homenagem ao modo de vêr do imperador Guilherme!

As nações armam-se. *E pela bocca d'aquelle, que todos deviamos considerar um amigo da paz, ficamos sabendo que fazem bem em se armar.*

Ao mesmo tempo que se armam, formam, por assim dizer, grandes *trusts* militares.

O Kronprinz vae viajar até á Asia Occidental e dá-se a essa viagem, ruidosamente annunciada por toda a imprensa allemã, uma importancia excepcional.

Sabe-se quantos esforços empregou o imperador Guilherme, durante o velho regimen da Turquia, para attrahir este paiz á triplice alliança. Com a queda de Abdul-Hamid, pareceu, n'um instante, completamente vencido esse proposito. *Mas eis que a joven Turquia faz uma reviravolta e se lança, ao que parece, definitivamente, nos braços da triplice alliança. O exercito da Turquia é reorganisado por officiaes allemães. São construidos em estaleiros allemães os navios de guerra da sua nova esquadra. Os emissarios da Allemanha proseguem, infatigavelmente, com a tenacidade do costume, o vasto plano da conquista economica de toda a Asia menor. O grandioso projecto do caminho de ferro de Bagdad, vae, emfim, ser executado. A Turquia, a Asia em grande parte, converter-se-hão em grandes satellites da Allemanha.*

Por outro lado, procuram os Estados-Unidos attrahir a China ao seu partido.

Tudo isto enfraquece notavelmente a alliança expressa e tacita da Russia, França, Inglaterra e Japão. O accordo das quatro nações procura já compensações. Por onde? Aonde?

Ha uns poucos d'annos que aqui dissemos, n'este *Povo de Aveiro*: «Portugal está perdido no dia em que a Inglaterra se alliar com a Hespanha.»

Ora a Hespanha arma-se, na terra e no mar, pondo n'esse esforço uma tenacidade admiravel. Agora mesmo vae ser submettido ás côrtes um projecto de

«serviço militar obrigatorio». *Esta reforma vae ter consequencias importantissimas. Faz entrar, d'um jacto, a Hespanha na cathegoria das grandes potencias militares. A Hespanha ficará, dado o seu proposito inabalavel de se erguer militarmente, com um grande exercito e uma esquadra regular, em curto praso.*

E nós?

O que valemos nós para a Inglaterra, para a França,—a cuja politica adheriu já, ninguem o ignora, a Hespanha,—depois d'esta nação ser uma respeitavel potencia militar?

Nós temos a republica, o Manná! Temos o genial Affonso Costa e o Vigario de Christo na Terra, o Bombardino Rachado!

Paiz d'asnos!

Que ha de morrer afogado em... borra, que outra sorte não merece!

Homem Christo.

CARTAS DE LONGE

Soou o signal definitivo. Resfolegam as caldeiras do grande transatlantico e o vapor da agencia regressa á terra. Em todos os lados a balburdia da partida, as vozes do commando, o barulho atordoador das machinas que se põem em movimento. Do pequeno vaporsito que se afasta lentamente, alguns amigos enviam-me adeus de saudade e oiço ainda a voz vibrante do Albino Forjaz de Sampaio que me grita, em bicos de pés:

—Coragem! Audacia e muito egoismo!

Sente-se o movimento da helice. Deslisamos sobre a agua tranquilla e o panorama da cidade passa rapidamente deante dos nossos olhos como uma fita cinematographica. Os tons esbrazeados do poente d'um dia de calor limitam o horizonte e reflectem-se nas vidraças e nas claraboias da casaria, dando ao espectaculo magnifico o aspecto d'um immenso brazeiro incandescente. Passamos Alcantara, Belem, a Torre de S. Julião da Barra. Fazemo-nos ao largo.

Deram-me uma cabine apertada, com quatro camas, mas só tenho por emquanto um companheiro que dorme, em ceroulas e camisola, estendido sobre a cama n'uma tranquilidade de quem não tem estorvos na vida. Examino-o. Atarracado, feio, brachycephalo pronunciado, o sr. José da Costa Quinta Ferreira tem todos os caracteristicos de descendente em linha recta do nosso avô gorilla. Os dedos da mão esquerda formam uma rutila constellação que fere a vista pela intensidade do brilho. Diamantes do tamanho de tremoços bem creados accumulam-se uns sobre os outros, brutalmente, n'um desprezo absoluto dos mais elementares preceitos de esthetica. O meu companheiro accorda, ao ruido que faço, e eu saudo-o. Levanta-se estremunhado e depois de me perguntar para onde vou, quem sou e em que me occupo, offerece-me um calice de aguardente, que não acceito, e isto deixa o homem muito desolado.

E' portuguez, natural da Anadia e foi para o Brazil em creança. Fundou uma taberna e ganhou, n'este negocio, algumas centenas de contos de reis. Depois entrou de comprar predios e fazer-se constructor e está augmentando a fortuna consideravelmente. E' a decima setima vez que vem a Portugal. Já matou duas mulheres e agora está em vesperas de acabar com a terceira. Gosta da 1.ª classe que não conhecia, mas está muito indisposto com o *maître d'hôtel* porque este depois de lhe dar quatro garrafas de vinho a cada refeição não está disposto a passar á quinta. E' um tonel este meu companheiro que se tornou o divertimento predilecto dos passageiros do *Amazone*.

Este barco, sem ser o maior, é comtudo dos mais commodos da *Compagnie des Messageries Maritimes*. Uma magnifica sala de jantar, uma sala de musica luxuosa, uma bibliotheca rica, um *fumoir* muito bom e 6:500 toneladas de capacidade. Eu nunca tinha viajado em paquetes francezes. Conheço os inglezes que são em geral verdadeiras *casas de tia* e os allemães onde se faz tudo quanto se quer sem difficuldade de maior. Porque o grande, o unico divertimento a bordo é o *flirt*. E eu nunca gostei, cada vez gosto menos da mulher do norte que é o elemento predominante n'aquelles barcos.

A franceza é, para mim, a mulher ideal. Que eu não sei se pode haver alguma mulher ideal nos tempos em que estamos! Creio mesmo que é exemplar raro na fauna terrestre. Mas entretanto umas são mais interessantes, mais atrahentes do que outras. E o homem, eterno joguete das paixões, não pode resistir em geral á magia diabolica d'uns olhos femininos, á linha bem talhada d'umas ancas, ao arfar ancioso d'uns seios sensuaes, á lucidez penetrante d'uma mulher intelligente. Não ha duvida que o christianismo definiu bem a mulher. Não o accusemos, porque, pelo menos n'isso, acertou. A perversidade existe n'ella, domina-lhe todos os outros sentimentos e a mulher é quasi sempre um animal grosseiro e mau. Sem nobreza, sem elevação, sem generosidade, como um vaso de licor perfumado ou como uma mesa de roleta, ella tenta-nos, seduz-nos, enche-nos de prazer e deixa-nos o organismo arruinado, envenenado o sangue, pervertida a alma, o coração cheio de fel, pleno de amarguras infinitas. Ha excepções. Mas geralmente é isto, a mulher.

A bordo do *Amazone* abundam as francezas. E os meus companheiros entreteem-se todos a fazer-lhe a côrte. Eu não encontro nenhuma que me agrade, felizmente, porque posso trabalhar e poupo-me a despesas inuteis.

Chego á mesa, para o jantar, como sempre, atrazado. O *maître d'hôtel* dá-me o ultimo logar da mesa grande do centro e reconheço logo nos que estão na minha frente e ao meu lado, portuguezes e brazileiros. O meu embarque havia sido já annunciado aos passageiros por um representante do *Figaro* meu amigo pessoal, que seguia para a exposição de Buenos Ayres, e foi com espanto que notei que todos os olhares se fixavam anciosamente sobre mim, examinando-me com insistencia. Cumprimentei os meus visinhos, entre os quaes se encontrava, sempre ferindo-nos a vista com a constellação formidavel da mão esquerda, o sr. José da Costa Quinta Ferreira, por alcunha o *Tijuca*, bebendo corajosamente. Ao seu lado estava um homem alto, furiosamente esguio, typo de cavalleiro desmontado, nariz grosso, olhos semi-cerrados, que se me dirigiu em portuguez perguntando-me se eu não era... quem sou, no meio de mil gentilezas que me confundiram sériamente.

Pouco depois vim a saber que viajava com o celebre capitão Magalhães Costa, aeronauta aguerrido, de regresso de Paris onde fôra instruir-se na direcção dos aeroplanos e comprar um d'estes aparelhos. E assim é que, d'aqui a um mez, eu verei provavelmente o bom homem, typo de cavalleiro desmontado, furiosamente esguio, aeronauta aguerrido, atravessar os ares ovante, no meio dos applausos enthusiasticos da multidão, e depois, o que não é menos provavel, rebentar nos ceus como uma bomba arremessando ao rosto dos assistentes com alguma das suas formidaveis pernas perdida nos espaços.

Ha ainda mais dois. São o sr. Rodrigues, de Portalegre, habitante do matto em digressão pela Europa, que se apressa a saudar o *côllega*, como elle me chama, pois este cavalheiro fez-se á ultima hora redactor d'um jornal europeu, brinde que o director offerece alegremente a todos os brazileiros a quem quer lisonjear, por qualquer motivo que não vem para o caso. O sr. Rodrigues começa de seguida a protestar, *na sua qualidade de jornalista*, contra as immoralidades de bordo e conta-me que fôra pedir satisfações ao commandante do navio por este haver demorado a partida. O commandante ficou a tremer, conta-me o inclito plumitivo amador, e desfez-se em explicações, solicitando humildemente perdão de tão horrivel falta... E eu penso, emquanto oiço as proezas do meu *côllega*, no que é a vaidade humana e o ridiculo d'um macaco feito homem. Hoje, como me viu começar a escrever os meus artigos em atrazo, para lançar ámanhã no correio em Dakar, quiz imitar-me e tem passado torturas para se conservar todo o dia abancado afim de mostrar-me a sua enorme correspondencia.

Vem-me dizer o meu aeronauta, que é aliás um bello espirito, cheio de verve, que Motta só tem escripto bilhetes postaes illustrados para os amigos da selva, dizendo que viaja na minha companhia pois, como diz o dictado, em terra de cegos quem tem um olho é rei e o *côllega* fez-me a justiça de me considerar um homem celebre.

Ao lado d'elle fica a D. Clotilde da Silva. Esta dama é amiga intima do aeronauta famoso e tem umas pernas do tamanho das d'elle. E' uma aventureira curiosa que *s'en fiche* de tudo e diz cada palavrão de tremer Troia. Foi actriz, cosinheira, imperatriz dos *sobas*, jornalista amadora como o meu *côllega* de Portalegre, mas é muito menos ridicula e muito mais divertida do que elle. Já subiu em balão com o Magalhães Costa e prepara-se para fazer uma viagem ao centro da terra em companhia d'um medico illustre que o acaso me fez conhecer e que passa os dias... e as noites a namorar uma viuvinha com 300 contos que faz a viagem comnosco. Tambem é interessante a historia d'esta creatura, viuva ha um mez e já anciosa de arranjar novo marido. Foi para Paris com a sua cara metade que morreu lá com uma congestão por fazer uma tolice em cima do jantar.

O corpo ainda morno do morto vae comnosco, n'um canto do porão armado em camara ardente, e cá em cima, no convez, ella delicia-se com o dr. Almeida, espirituoso cognominador do sr. Quinta Ferreira, vulgo *Tijuca*. O Almeida é bom rapaz. Veio ao Brazil propositadamente para arranjar noiva rica e preparar a expedição ao centro da terra com a D. Clotilde da Silva e eis que, mesmo antes de chegar a terras de Santa Cruz, se lhe depara mordendo furiosamente o anzol o peixe desejado. E' um felizardo, este amigo!

O *Amazone* marcha, com uma velocidade colossal, e o unico espectaculo que desfructamos é o mar, o mar immenso, o mar infinito confundindo-se ao longe com a linha pardacenta das nuvens. Gosto immenso do mar, visto da praia. Sou capaz de me conservar, horas sem fim, contemplando o vai vem das ondas na sua eterna labuta, a batalha das espumas que se aproximam, se beijam, se confundem n'um abraço sempre e nunca interrompido. E, ao contrario da maior parte da gente, encontro mil *nuances* diversas n'estes movimentos, visões soberbas, evocações deliciosas. Mas não gosto do mar perdido n'esta immensidade, sem divisar uma nesga de terra, apparecendo ao longe no meio das brumas longinquas. E' monotono. Não tem belleza nenhuma. Ainda se ao menos eu estivesse isolado, junto d'uma creatura superior, d'uma mulher amada, d'uma das taes sombras ideaes que visionamos em sonhos e não vem jamais á superficie do mundo, se estiveramos longe de todas as miserias da terra, da maldade, da infamia dos homens! Mas não, que no tombadilho, nas cabines, no salão, no *fumoir* eu vejo a cada momento surgir o phantasma de Soleilland, a alma penada de João Brandão, o espectro de Torquemada ou de Machiavelli!

No meio da pureza enorme do Oceano navega um grande cetaceo conduzindo sobre o dorso gigantesco o numero sufficiente de creaturas para que tenhamos constantemente sob a vista tudo o que de miseravel, de ridiculo, de monstruosamente ignobil existe no quarteirão d'uma capital. Estamos no meio do mar, a muitas milhas da costa. Mas eu direi, sem receio de fazer paradoxo conscientemente, como o sr. João Chagas, que o convez do *Amazone* é um recanto do Boulevard Montmartre com todos os seus defeitos e nenhuma das suas virtudes.

Homem Christo, Filho.

Analysando

BIBLIOTHECA DO MOVIMENTO SOCIAL. **A Questão Operaria e o Syndicalismo**, *por Augusto Cesar dos Santos, operario typographo. — Antiga Casa Bertrand. — José Bastos & C.ª — Editores.—73, Rua Garret, 75 — Lisboa.*

Não é um desconhecido o auctor d'este trabalho. Os relevantes serviços que durante longos annos tem prestado ao movimento de organisação operaria, a sua actividade incansavel e a sua intelligencia, tornaram-n'o uma figura de destaque no meio operario portuguez, onde gosa de geraes sympathias.

Não é um ignorante com pretenções a chefe nem a vãs gloriolas de commando. Não obstante o seu conhecimento profundo das questões sociaes e do movimento operario internacional, pois durante dezeseis annos o sr. Augusto Cesar dos Santos viveu no extrangeiro dedicando-se com enthusiasmo ao estudo profundo da organisação operaria, elle não acceitou jámais cargos de chefia que implicassem dominação ou superioridade e limitou-se a ser um orientador modesto mas honrado, um soldado destemido e batalhador audacioso, tendo como unico fim o bem e a melhoria de condições dos seus companheiros de trabalho.

Foi representar os typographos portuguezes no Congresso Internacional de Paris, honrando os que para tal missão o escolheram. Emfim o sr. Cesar dos Santos é das raras figuras que no nosso movimento operario se impõem, porque é um trabalhador sincero, intelligente e honesto.

O interessante livro que a casa Bertrand acaba de editar é mais uma prova da sua alta competencia na questão syndicalista e do bom senso com que aprecia e discute estes assumptos. O seu trabalho está dividido em nove capitulos muito claros, muito precisos, muito logicos, batendo onde deve bater, elogiando onde deve elogiar, fazendo uma analyse justissima da situação actual da sociedade portugueza, e indicando ao proletariado o unico meio de obter algumas vantagens, na lucta com as classes absorventes, que é—organisar-se sensatamente procurando conseguir a pouco e pouco o que d'um só gesto é totalmente impossivel alcançar.

Diz muito bem o sr. Cesar dos Santos quando aconselha aos operarios que se não deixem illudir pelas habilidades manhosas dos politicos indigenas e contem comsigo, comsigo exclusivamente. Mas, para seu mal, o proletariado portuguez encaminhou por vias erradas e só depois de perdido muito tempo e muito trabalho reconhecerá os erros commettidos e os ludibrios de que foi victima. E o sr. Cesar dos Santos deve sabê-lo melhor do que nós.

A edição é primorosa.

Muito bem e muito obrigado.

Angola. — *Dois annos de governo. — Junho 1907-Junho 1909. — Historia e Commentarios, por Henrique de Paiva Couceiro. — Editora A NACIONAL. — Rua do Ouro, 178, 2.º — Lisboa.*

E' um bello livro, solido, profundo, tratando de assumptos de capital interesse para a patria portugueza.

Não brilha pela perfeição requintada da forma. Mas que importa isso, se brilha pela profundeza do pensamento e pela clareza da ideia ?

Duplo motivo, talvez, para que o não leia esta sociedade futil, sem ponderação e sem criterio. E assim o espera o auctor. E assim o temos visto nós. Assim o espera o auctor, porque é o primeiro a reconhecer *a hypocrisia e a vacuidade d'isto tudo.*

As pobres palavras que vamos dedicar-lhe, (1) poucos hão de lêl-as. E como julgamento da obra seria de acceitar sem reluctancia a abstenção, prova, com tantas outras, da justiça im-

(1) A Angola.

manente no fundo da consciencia humana. Mas não. Não é infelizmente d'insufficiencias do auctor que se trata, mas sim, e primeiro, de geraes indifferenças, e desinteresses, pelo assumpto. Estranha orientação, a das nossas correntes dominantes! Corroido o organismo nacional por doenças verdadeiras que lhe minam, e põem de facto em risco, a existencia livre e progressiva, — não é todavia, no combate contra esses males, visiveis e immediatos, que procuram beber vehemencias os tropos dos patrios tribunos.

Tratar com juizo e prudencia, dedicar trabalho e tenacidades, áquillo que se apalpa, e que a todos os olhos se mostra patente e claro, tarefa, se lhes affigura, talvez, por demais terra a terra, e decerto incapaz, pela sua propria simplicidade theorica, d'occupar as imaginações creadoras de superhomens que se prezem.

E assim o temos visto nós, porque embora o livro do sr. Paiva Couceiro tenha merecido alguns louvores e referencias das gazetas, esses louvores dirigem-se mais ao *homem* que ao escriptor e ao escripto. O homem está no *galarim* da fama. E isso basta para que as gazetas dediquem ao livro meia duzia de phrases banaes. Mas não é pelo livro nem pelo assumpto que elle trata. E' pelo *heros reclamado e consagrado*. Muito justamente consagrado. O sr. Paiva Couceiro é, na verdade, uma das figuras de *verdadeiro merito* em terra portugueza. Merito intellectual e merito moral. Este é que é uma *nobre intelligencia*. Este é que allia a intelligencia ao caracter. Mas podia ser um imbecil e um tratante, que a *consagração patria* não distingue. Antes são os imbecis e os pulhas os que ella, em regra, colloca nas *culminancias da gloria*.

E' um bello livro, solido, profundo, que lemos com verdadeiro prazer e muito interesse. Havemos de nos referir, mais para os tornar conhecidos do grande publico de um jornal como este, do que para os criticar, aos problemas d'interesse especial para a provincia de Angola, que o auctor desenvolve com a profundeza dos seus conhecimentos e elevação do seu criterio. Mas, por agora, na estreiteza do espaço concedido a estas rapidas analyses, não queremos deixar de dizer ao auctor, nós tão pouco dado a louvores de livros e escriptores nacionaes, que em geral só escrevem futilidades: *gostámos, gostámos muito; d'esses livros é que precisa a patria portugueza, e receba o sr. Paiva Couceiro os nossos mais sinceros parabens pela sua obra.*

Ineditos e Esparsos, *por Julio Diniz.*

Cremos que ficou completa a obra esplendida do grande escriptor. Este livro veio enriquecer poderosamente a litteratura nacional e dar-nos ensejo de admirar, uma vez mais, o talento do que foi um dos nossos mais formosos romancistas. Por todas as razões devemos agradecer ao sr. Gomes Coelho a sua bella iniciativa e a alta proficiencia com que d'ella se desempenhou.

F. M.

O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

IV

A sociedade moderna, diz Poinsard, apoia-se sobre tres principios absolutamente differentes dos que regiam o mundo antigo. Primeiro, *é a capacidade que faz a classe,* com exclusão quasi total dos factos accidentaes ou artificiaes, como o nascimento, a fortuna ou o titulo. E' preciso, pois, antes de tudo *ser capaz,* não só pelo saber, como, sobretudo, pela **força do caracter** e o poder da iniciativa. Segundo, *é o trabalho que guia o mundo,* e não a politica. E' preciso, pois, trabalhar e saber trabalhar, uma vez que do trabalho resultem, simultaneamente, a influencia social effectiva e as fortunas mais solidas. Terceiro, as actividades não podem limitar-se ao circulo estreito d'uma fronteira. *A vida tornou-se essencialmente internacional em todas as suas manifestações.* E' preciso, pois, estar sempre disposto e prompto a sahir do seu meio, da sua especialidade, do seu paiz, e para isso deve-se viajar, saber as linguas, conhecer e comprehender o extrangeiro. Nenhum povo pode já concentrar-se nem isolar-se. E' fatalmente arrastado no turbilhão rapido das relações communs inevitaveis. Que se queira ou que se não queira, que se tenha ou não tenha saudades da calma dos bons tempos antigos, que se admire ou que não se admire a actividade febril dos dias presentes, ou se caminha, ou se cahe no marasmo e na pobreza esperando a infiltração e a dominação das actividades extrangeiras, isto é, a conquista, a assimilação, o desapparecimento da raça.

Ora a educação portugueza não corresponde a essa nova situação do mundo. Muitas pessoas recebem e conservam preconceitos que extremamente as paralysam, levando-as a desprezar o trabalho e as profissões lucrativas. Considera-se mais digna, mais nobre, uma situação que dê, o mais possivel, apparencias de ociosidade. E é isso o que faz preferir as carreiras liberaes ou administrativas ao commercio e á industria.

Autrefois, cette affectation d'oisiveté était poussée jusqu'au ridicule. Un chroniqueur qui vivait et écrivait à Lisbonne vers le milieu du XVIe siècle disait: "Ici, nous sommes tous nobles, et nous ne portons rien en nos mains par les rues... Le travail est fait par les artisans ou les esclaves." Ainsi, tout homme obligé au travail se trouvait relégué dans une situation subordonnée ou même servile. Cette vanité puérile et funeste a fait le malheur du Portugal, et lui nuit encore, car, bien que les idées aient déjà évolué sensiblement depuis vingt ou trent ans, trop de personnes encore mettent leur orgueil à éviter, au moins en public, tout ce qui ressemble à une occupation mercantile, à un métier usuel. C'est probablement une tradition du même genre qui conduit les Portugais aisés à prolonger leurs soirées outre mesure, et à se lever fort tard, tandis que les gens du peuple, au contraire, sont très matineux. Cette manière de faire présente de graves inconvénients. Sans parler de son caractère peu conforme aux indications de la nature et à la saine hygiène, elle amène ce résultat, que le chef d'établissement arrive à son bureau longtemps après que le travail a commencé dans les ateliers ou les comptoirs. Pendant ce temps, sa direction et son contrôle ont fait défaut; en outre, comme les affaires sont suspendus le soir à peu près à la même heure que dans les autres pays, il en résulte un déficit sensible dans l'action du patron, et aussi du reste dans celle du fonctionnaire, de l'homme de loi, etc...

Tudo isto é verdadeiro, rigorosamente verdadeiro. Poinsard não exaggera. Poinsard attenua.

Somos um povo d'ociosos, um povo de vadios, um povo de pelintras. Nunca houve amor ao trabalho n'este paiz. O que houve, sempre, *e o que ha,* é vergonha do trabalho.

O preconceito do seculo XVI é o preconceito do seculo XX. A evolução das idéas nos ultimos vinte ou trinta annos, a que se refere Poinsard, não apagou, antes salientou esse defeito. A simplicidade dos nossos costumes era maior ha trinta annos do que é hoje. Ha trinta annos trabalhava-se muito mais. Ha trinta annos eram muito menores as presumpções fidalgas, era muito menor o pedantismo. Não temos melhorado n'esse sentido. Temos peorado.

Ici, nous sommes tous nobles . . . pode-se dizer ainda hoje com muito mais propriedade do que ha trezentos annos.

Não se illuda ninguem por se falar agora muito em *republica e democracia* e não se falar em tal coisa ha trezentos annos. Mas ha trezentos annos o França Borges ou o Affonso Costa, sahidos das mais infimas camadas populares, não se atreviam a arrastar pelas ruas o *espadim de nobres* e a falar a toda a hora em *leis da honra, campo da honra, codigos da honra,* privativos dos fidalgos. Mas ha trezentos annos nenhum burguez analphabeto, enriquecido a vender coiros, paus do ar ou margarina, ostentava corôas de conde ou de marquez. Mas ha trezentos, ha trinta annos ainda, quanto mais ha trezentos, não se atrevia a mulher do povo ás pretenções d'aristocracia e de luxo berrante ou escandaloso a que hoje se atreve.

Pois ha trezentos annos, um padeiro analphabeto e boçal, como muitos que eu conheço, e que vi de pé descalço e cabaz ás costas, atrevia-se a exigir *dom* para a mulher, a jantar ás seis ou sete horas da tarde, e a dizer-se republicano simplesmente pelo despeito ruim de não se poder sentar no throno como rei de Portugal? A maior parte da gente que se diz republicana em Portugal só ataca o rei por inveja. Se fosse possivel abrir-lhes as portas do palacio e admitti-los ás honras palatinas, deixariam quasi todos de ser republicanos.

Isto é um paiz de fidalgos. Ou por outra, de pedantes. Cem vezes, mil vezes, um milhão de vezes o temos dicto n'este *Povo de Aveiro.* E emquanto fôr um paiz de pedantes, não dará um passo.

Mas continuemos a ouvir Poinsard.

Alem dos *habitos fidalgos,* do vicio da ociosidade, Poinsard acha-nos outro grande defeito: a mania da politica, mania, aliás, já por elle accentuada, em anteriores passagens do seu livro.

Enfin, et pour toutes les causes que nous venons d'énumérer, le Portugais est trop souvent attiré par les vaines agitations de la politique, où il trouve un semblant d'activité, une occasion de briller par la parole ou par l'intrigue, moyens faciles de se dépenser en théories creuses ou en combinaisons habiles, mais sans profit réel, pour le pays.

Em resumo, Poinsard acha-nos, sob todos os pontos de vista, atrazadissimos.

Continua a lamentar a nossa educação, ou, melhor dizendo, *a nossa falta de educação*:

Parmi la classe ouvrière des campagnes e des villes, la situation est la même à beaucoup d'égards. Dans les campagnes écartées, l'enfance reçoit une éducation familiale qui n'est pas à dédaigner, mais elle vit de traditions auctoritaires et très peu progressives. Dans la plus grande partie du pays, l'enfance est trop négligée, trop abandonnée à la rue, surtout dans les villes, où la mendicité enfantine est une sorte de fléau attristant. Il va sans dire que cette négligence n'est pas pour dresser les caractères et former les âmes. Si le Portugal était un pays de grandes villes, le mal deviendrait promptement terrible. Ce qui maintient encore dans la masse de la population des mœurs douces, une honnêteté remarquable, un esprit paisible et laborieux, c'est la prépondérance considérable de la vie rurale et du travail agricole. La vie urbaine et la grande industrie prédominante feraient promptement d'un peuple aussi désorganisé une masse turbulente, envieuse, démoralisée, toujours prête à la révolte.

E diz aqui outra grande verdade. Se Portugal fosse um paiz de grandes cidades, de grande vida industrial e urbana, *já tinha ido pelos ares.* O que nos vale, ainda, é a *preponderancia consideravel da vida rural e do trabalho agricola.* E tanto que Lisboa é exactamente a cidade da desordem, a cidade da desmoralisação por excellencia. E' aquella que tem *mais vida urbana e maior industria.* E é aquella onde d'um *povo desorganisado* sahiu de prompto *uma massa turbulenta, invejosa, desmoralisada, sempre prompta a revoltar-se.*

Aquillo que entre nós se apregôa como uma *prova de progresso* e uma *affirmação democratica,* que é esse espirito arruaceiro e falsamente republicano de Lisboa, redunda apenas n'uma demonstração *de atrazo, de desmoralisação e de desordem.*

Ai de nós, no dia em que o espirito de Lisboa se transmittir ás outras cidades!

C'est même là un risque dont ceux qui dirigent la nation, soit par situation sociale, soit par fonction officielle, doivent tenir le plus grand compte, car une évolution industrielle trop précipitée, sans un mouvement éducatif parallèle, amènerait certainement les plus graves complications.

Ai de nós! Ai de nós!

Mas para lá caminhamos, a passos agigantados.

Homem Christo.

VÁRIA

A liberdade de testar

Henri Coulon e René de Chavagnes preparam em França um projecto de lei que permitta ao pae a disposição livre da fortuna que lhe pertence.

A lei, em projecto, impõe-lhe uma só obrigação: a ração alimentar a favor dos ascendentes e descendentes necessitados, e, ainda, um rendimento sufficiente que assegure a existencia material dos menores e a sua educação até que elles possam ganhar a sua vida pela sua propria actividade. Este projecto supprime todos os direitos dos herdeiros.

Lembram os dois legisladores francezes que a liberdade de testar é já hoje reconhecida em grande numero de paizes. Na Inglaterra é absoluta. Existe, egualmente, nos Estados Unidos, no Mexico, na Australia, na China e em outros estados.

No Montenegro o codigo faculta ao pae o poder repartir os bens, por elle adquiridos, em proveito de quem entender. Apenas os bens proprios são propriedade commum da familia.

Muitas legislações se inclinam para a liberdade de testar. Umas pelo augmento progressivo da parte disponivel até que eguale ou mesmo passe a reserva. Outras, mantendo uma parte disponivel egual, qualquer seja o numero de filhos e ascendentes.

Coulon e Chavagnes preconisam a liberdade absoluta, mesmo sem as restricções que se encontram na lei ingleza.

❋

A criminalidade

Não são novas, como se sabe, as questiunculas entre certos theoricos, sobre qual das especies humanas fornece maior numero de criminosos.

Uma grande quantidade de investigadores diz e affirma possuirem os loiros qualidades superiores aos morenos e outras raças de côr. D'ahi o dizer-se que os loiros são muito aptos para o progresso e civilisação e competentes para vencerem os outros no campo da evolução da humanidade.

Acaba de levantar a luva o dr. Woodruff, que não sabemos se é loiro ou não, mas o que é certo é que se atira aos loiros sem dó nem piedade. Cirurgião-mór do exercito americano estudou especialmente o assumpto, e n'uma interessante estatistica que publicou, reduz a zero as famosas theorias sobre o privilegio dos loiros.

Prova, com cifras authenticas, que as prisões dos Estados Unidos albergam maior numero de loiros que de morenos. Nos manicomios observa-se caso identico.

Demonstra ainda o dr. Woodruff que o proletariado mais falho de energia é composto de individuos loiros. Abre, porém, excepção para a Europa septentrional e para a

Escocia, onde os delinquentes loiros são, realmente, em minoria. Mas, accrescenta, quando emigram para certas regiões onde o sol é mais ardente, manifestam symptomas de degenerescencia. Incapazes de supportar os climas meridionaes, são propensos ás taras moraes bem como a doenças varias.

O dr. Woodruff é de opinião que não existe o typo physiologicamente criminal; o facto provém da instabilidade do systema nervoso que é a causa principal do crime. Esta instabilidade sendo notavel nos loiros dos Estados-Unidos, obriga-os a fornecer um numero assás elevado de criminosos.

O americano loiro, de origem européa, é um degenerado que, sempre, ou, quasi sempre é obrigado a succumbir na lucta pela existencia.

Seria curioso, para reforçar o trabalho do dr. Woodruff, preparar uma lista nominal dos differentes homens notaveis americanos, entre os legisladores, poetas, artistas, sabios e inventores, classifical-os depois, para se apurar por forma positiva quaes são os mais numerosos, e qual a côr dos cabellos que bate o *record* n'este ponto.

❊

A transformação e prosperidade de Roma

Foi em 20 de setembro de 1870 que os italianos se apoderaram de Roma, tomando-a ao papa, para della fazerem, como fizeram, a capital da Italia. Era então uma cidade archaica, vetusta, mas pessimamente illuminada, e incompativel com a actividade que exige uma grande cidade moderna.

Ha, pois, quarenta annos que os italianos trabalham em a transformar. Apezar das grandes difficuldades que encontraram, a ordem e a hygiene invadiram a antiga cidade. Pode dizer-se que, de um dia para o outro, um verdadeiro exercito de funccionarios, ministros, deputados, senadores, uns 20:000 invasores, n'ella se alojaram. A prosperidade de Roma foi crescendo prodigiosamente.

Assim, em dois seculos, de 1600 a 1800 Roma apenas tinha conseguido ter, e com difficuldade, 50:000 habitantes; em 1870 tinha 220:000 habitantes, e hoje, cêrca de 570:000.

Calcula-se que em 1933 a população deverá ir além de um milhão. Um tão rapido desenvolvimento exigia — e tem-se realisado — a transformação da cidade.

A antiga Roma desapparece. A prosperidade economica metamorphosea forçadamente as decantadas preciosidades artisticas. Choram os poetas. Mas progride e evoluciona um povo.

❊

Horticultura ambulante

Encontramos uma local interessante no jornal *La Feuille* de Genebra.

Parece que uma casa de modas requereu privilegio de invenção, na Suissa, para um chapeu de senhora que deverá ter um pequeno reservatorio d'agua, no intuito de conservar as flores naturaes que serão applicadas ao referido chapeu.

Do reservatorio, que se encontra habilmente escondido no penteado, sahem uns pequenos tubos onde as flores se collocam. E', como se vê, um processo engenhoso, visto que amiudadas vezes se póde proceder á mudança das flores por outras frescas, além de se variar, infinitamente, a ornamentação.

Diz espirituosamente o chronista que será possivel que os fructos venham a ter egual applicação que as flores, isto é, pelo mesmo processo, e depois viriam os legumes, hortaliças, etc. As donas de casa não teriam necessidade de ir ao mercado, levando continuamente á cabeça, as couves, as beringellas, as alcachofras, os tomates, etc., que regavam por suas proprias mãos.

Se pega a moda as modistas serão substituidas por jardineiros.

ALCOOLISMO

IV

Os bebedos batem-se, e batem-se *heroicamente.*

Voltam alguns a escrever-nos protestando que se não bebe absintho em Portugal e que o vinho não faz mal, *porque o vinho não é alcool.*

Bebe-se absintho em Portugal, bebe, sim senhores. Infelizmente, já se bebe absintho em Portugal. E não só absintho, já o dissemos. Tambem numerosas bebidas *anisadas.*

Quanto ao vinho *não ser alcool,* é um tremendo disparate, que só se explica por uma ignorancia espantosa.

Alcool e bem alcool. Umas poucas de vezes alcool. Pois alem do alcool ethylico, e é a esse que sempre nos referimos quando dizemos o *alcool do vinho,* tem o vinho mais oito ou nove alcooes.

Ha no vinho duas partes: a parte liquida e a parte solida. A primeira compõe-se d'agua, d'alcool — os varios alcooes que entram na mistura — e acidos volateis. A segunda, d'acidos vegetaes e mineraes, saes organicos e inorganicos, materias gordas, corantes e azotadas.

O que se chama *grau alcoolico* do vinho é a quantidade de alcool ethylico que existe em cada litro.

O vinho entregue ao consumo é geralmente impuro, em Portugal. Em comparação com os vinhos extrangeiros é muito elevada a percentagem dos acidos volateis que se conteem no vinho nacional, o que faz com que este se azede facilmente. E d'ahi o deitarem-lhe aguardente para elle se *aguentar.*

Se os vinhos portuguezes são impuros, muito mais o são as aguardentes, carregadas d'impurezas, entre as quaes predominam o *furfurol* e o *friselol.*

O alcool butilico é, sem duvida, mais toxico que o alcool ethylico, como o alcool amilico é mais toxico que o alcool butilico. Mas isso não quer dizer que o alcool ethylico não produza as mesmas doenças que produzem o alcool amilico e butilico. Doenças e morte.

O homem pretende, constantemente, justificar os seus erros e os seus vicios. D'ahi provem a apologia que se fez do vinho durante muitos seculos. Gostava do vinho. E foi quanto bastou para que o proclamasse um estimulante, um alimento e um tonico. Ora a grande verdade, hoje demonstrada, apesar dos esforços que ainda se fazem em contrario, é que o vinho nem é estimulante, nem é alimentar, nem é tonico.

As experiencias de Atwater, de Benedikt e de Duclaux não convenceram ninguem de que o uso do alcool era benefico. Quando muito, poderiam ter convencido de que o uso do alcool moderado, — um litro de vinho por dia, em dóses fraccionadas, ás refeições, em adultos fortes e novos, pesando de 70 a 80 kilogrammas— *não era perigoso.* Mas esta mesma conclusão seria forçada, desde que as experiencias se limitavam a um curto periodo de tempo e se não exerciam sobre individuos de constituição variada. Quem affirmava aos dois sabios americanos e ao sabio francez que o litro de vinho *continuado,* durante annos continuado, não produziria a intoxicação d'uma ou outra bebedeira isolada?

De resto, o que é certo é que tanto as experiencias de Atwater, Benedikt, Duclaux, como as de Forster, Weisk, Flechsig, Keller, Chittenden e Miura, concluiram pela affirmação de que o alcool exerce sobre a albumina uma acção destruidora. Logo, não é um alimento!

Tambem não é um estimulante nem um tonico, mas um excitante, o que faz sua differença. Algumas vezes a medicina tem recorrido ao alcool, como estimulante, mas para obter uma acção passageira, ephemera, que dê um resultado *de momento,* e não progressiva, persistente, continuada.

O bebedor sente subir-lhe a côr ao rosto depois d'uma injestão alcoolica. Parece-lhe que aqueceu. Que tem mais força. E' um engano. Fica mais fraco e mais frio. E' frequente a temperatura baixar muito nos embriagados. A 30 graus centigrados, em alguns casos.

E' vulgarissimo ouvir-se que as bebidas alcoolicas favorecem a digestão. E' uma crença quasi geral. Pois é um engano. O alcool não apressa, atraza as funcções do estomago.

Sobre todo o organismo a sua influencia é detestavel. Sobre o systema nervoso, produzindo allucinações, perturbações, intoxicações, que terminam no delirio tremens e muitas vezes na loucura. Sobre o systema circulatorio produzindo a dyspnea, o catarrho chronico das vias respiratorias, a esclerose, a degenerescencia das arterias, a embolia, etc.

Prejudica gravemente os rins e gravemente o figado. São muitas e variadas as affecções do figado produzidas pelo alcool. Mas a mais caracteristica é, talvez, a cirrose, devida quasi exclusivamente ao alcoolismo, e, segundo muitos, somente ao *alcool ethylico* ou ao vinho.

O alcool chega, mesmo, a pôr uma patria em perigo. Assim, o glorioso portuguez e eminente redemptor Affonso Costa teve, ha pouco, disseram as gazetas, uma *pachydermia da larynge.* Ora a pachydermia da larynge resulta, não sabemos se sempre, mas muitas vezes, da bebedeira. Dizem os sabios que o alcool é um *escalda-guelas,* como o cachimbo. A irritação generalisa-se, a rouquidão invade as cordas vocaes, *que se espessam d'uma maneira notavel.* E vem a *pachydermia.*

Estou mesmo em crer que é d'uma *pachydermia geral* que soffre, no fim de contas, Portugal. E' notavel o facto do recrudescimento das idéas *d'emancipação e liberdade* ter coincidido com o apparecimento do vinho barato. Veio a abundancia de vinho. Embarateceu o vinho. E veio a *pachydermia,* generalisando-se o conflicto entre o *futuro e o passado.*

A *pachydermia* não se nota simplesmente no *grande parlamentar.* Nota-se em muitas outras figuras eminentes da redempção — como se sabe o Portugal novo nasceu na Sociedade dos Makavenkos — e nota-se nas gandes massas proletarias.

E' d'uma *pachydermia,* não ha duvida, que soffre, e vae morrer, a nossa patria.

Pobre Patria!

Homem Christo.

Dictos e proverbios

Os francezes dizem:

Il faut choisir une femme avec les oreilles plutôt qu'avec les yeux

Quer dizer: *tenha-se mais em vista a reputação da mulher, que a belleza.* Attender só á belleza é, como dizia a rainha Olympia, *se marier pour les yeux,* ou, como dizia Corneille, *épouser un visage.*

Maison faite et femme à faire

Casar com a mulher antes do seu caracter estar formado, e não mandar fazer casa, mas compra-la feita. Ou, como dizem os inglezes: *A horse made and a wife to make.*

Quanto á mulher . . . parece-nos asneira. Quanto ao cavallo e á casa . . . é exacto.

La Rochefoucauld dizia do amor:

Il en est du véritable amour comme de l'apparition des esprits: tout le monde en parle, mais peu de gens *en ont vu.*

O mesmo auctor dizia:

Il n'y a qu'une sorte d'amour, mais il y en a mille différentes copies.